

ESTADO DE GOIÁS
POLÍCIA MILITAR
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
DIVISÃO DE ENSINO

A Atuação da Polícia Militar na Repressão
às Drogas

Oficial-Aluno: Emmanuel O. Neto

MONOGRAFIA CAC - 91

Goiânia, Go/1991

CAP. PM. EMMANUEL OLIVEIRA NETO

A ATUAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR NA REPRESSÃO ÀS DROGAS

Monografia apresentada para conclusão do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, pela Academia de Polícia Militar de Goiás, sob a orientação do Professor Osório José da Silva.

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS
GOIÂNIA - 1991

"Melhor que reprimir, é informar, orientar
instruir, educar."

A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço a Deus Todo Poderoso, ser absoluto que está alojado em nosso coração, faz minha vida irradiar, pela ^{pela} bênção e luz concedida, iluminando a trajetória, para que pudesse concluir este curso, de relevância na minha carreira profissional.

A G R A D E C I M E N T O

Teço sinceros e profundos agradecimentos à minha dedicada esposa Maria Eglê Lima Feitosa Oliveira e meu filho Gustavo Lima Oliveira, que acompanharam-me nessa jornada, sacrificando horas de lazer, em prol de ajudar-me a vencer esse desafio.

A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço à pessoa Osório José da Silva, orientador da Cadeira de Metodologia Científica, que procurou ^{auxiliar} ~~dedicar~~ ao máximo, ^{na elaboração} ~~na condução e auxiliando~~, para elaboração desta obra, transmitindo importantes ensinamentos.

A G R A D E C I M E N T O S

"Aos circunspectos ^AInstrutores, ^Pprofessores, ^Ddireção de ^Eensino da Colenda Academia de Polícia Militar do Estado de Goiás, que envidaram todos seus esforços e souberam transmitir com sabedoria, dedicação e paciência, tão relevantes ensinamentos.

Não poderia ~~de~~ deixar de ser registrada a efusiva acolhida da Polícia Militar do Estado de Goiás, aos Oficiais de outras Co-irmãs."

DEDICATÓRIA

Agradeço em especial, ao meu sogro, Cel. PM. Benedito de Souza Lima, da reserva remunerada da PMGO, amigo, incentivador e companheiro de idéias na elaboração deste trabalho monográfico.

AGRADECIMENTOS

7
"Aos nobres colegas, que procuraram colaborar, compreen
der e empáticos, souberam perdoar as falhas, nessa longa jornada,
apoiando e encorajando nos momentos mais difíceis, tratando-nos co
mo verdadeiro irmão, entrosando, tornando ambiente escolar eminen
temente salutar.

S U M Á R I O

- INTRODUÇÃO-----	10
I - HISTÓRICO DA ROTA DE DROGAS NO BRASIL-----	12
II - A POLÍCIA NA LUTA CONTRA O VÍCIO-----	20
1. Aspectos Psicossociais-----	20
2. Aspectos Jurídicos-----	24
2.1. Da Legislação-----	24
2.2. Conceitos de Tóxicos-----	25
3. Aspectos Processuais dos Tóxicos-----	41
3.1. Dos Vários crimes previstos na Lei Anti-Tóxicos (Lei nº 6.368/76)-----	41
3.2. Da Condição Indispensável para a Tipificação do delito-----	41
3.3. Do Inquérito Policial-----	41
3.4. Da Justificativa de Classificação de Fato-----	42
3.5. Do Sigilo do Inquérito e da Ação Penal-----	42
3.6. Da Prisão em Flagrante-----	42
3.7. Como se Procederá em caso de não haver base pa ra denúncia-----	43
3.8. Da Defesa-----	43
3.9. Da Audiência de Instrução e Julgamento-----	43
3.10. Jurisprudência-----	43
III - A POLÍCIA MILITAR CONTRA O VÍCIO-----	46
1. O Caminho do Entorpecente-----	46
2. O Relacionamento do Usuário com o Traficante-----	47
3. A Venda dos Tóxicos-----	47
3.1. Nos Morros e Favelas-----	47
3.2. Em casas e Apartamentos-----	48
3.3. Venda em Automóveis-----	49
3.4. Outros Locais: rua, clube, domicílio, praias, vende dores ambulantes, restaurantes, môtéis, etc.-----	49
4. O Crime e os Criminosos na Lei Antitóxicos-----	49
4.1. Os Criminosos-----	49
4.2. Os Crimes-----	51
5. A Atuação da Polícia Militar-----	53
5.1. Aspecto Geral-----	53

Es
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

5.3.Venda em Automóveis-----	53
5.4.Rua,Clube,Domicílio,Hóteis,Restaurantes etc. -----	54
6. Limitação da Polícia Militar-----	54
6.1. Limitação Formal-----	54
6.2. Limitação em Material-----	55
7. Tempo Médio da Ocorrência na Delegacia Policial-----	56
8. O Policial Militar diante da Justiça-----	56
IV - PROPOSTA-----	58
1. A Necessidade de especialização na luta contra o vício-----	58
2. Parte Social no Combate ao Vício-----	59
3. Equipamento-----	60
4. Necessidade de Instrução e Ensino-----	60
- CONCLUSÃO-----	63
- BIBLIOGRAFIA-----	64

I N T R O D U Ç Ã O

Este trabalho possui o objetivo de colaborar com os esforços já empreendidos pelas Corporações Policiais Militares no combate aos tóxicos, apresentando uma proposta visando uma maior eficácia e objetividade nas ações preventivas e/ou repressivas.

Segurança não é só repressão e não é problema apenas da Polícia Militar. É preciso que a questão da segurança seja discutida e assumida com a tarefa e responsabilidade permanente de todos, Estado e população.

Uma campanha sistemática contra o uso de drogas entorpecentes ou psicotrópicos, ^{isto é} ~~maconha~~, ou melhor, de substâncias que de terminem dependência física ou psíquica, há que ser feita quanto antes, por todos os meios válidos, com a iniciativa ou apoio de quantos têm uma parcela de reponsabilidade na condução da coisa pública. Mas, nessa campanha, não se terá êxito se não se motivar o jovem para o entendimento dos perigos, dos inconvenientes, dos malefícios, enfim, que os tóxicos trazem para sua saúde, seu bem-estar físico, mental e social, e sobretudo, a sua personalidade.

Contudo, essa missão - a de combater as toxicomanias, não pode apenas ser função dos integrantes da Polícia Militar; há que ser, igualmente, tarefas de educadores e dos pais, de dirigentes e de comandantes, e, sobretudo, dos próprios jovens. Sem dúvida, a estes - os integrantes da juventude - cabe a responsabilidade maior de auxiliar e colaborar nessa campanha, auxiliando-se e defendendo-se a eles mesmos.

A Polícia Militar, como uma verdadeira escola de valores, tendo em seus quadros um razoável número de jovens, integrantes de nossa população, ^{deve} ~~tem~~ que inserir em seus currículos escolares, ^{disciplina de} ~~de~~ todos os níveis, o combate ao tóxico a reformulação permanente do comportamento humano frente às mudanças sócio-econômicas que requer ^{em} da mesma, imediata reciclagem nos seus métodos e meios.

A proposta deste trabalho é que, as unidades-escolas das Polícias Militares tenham, em seus currículos, uma matéria que transmita aos alunos os problemas que traz o tóxico; sua identificação; a maneira de atuar operacionalmente; ^{concernente} ~~legislações sobre o assunto~~; a relação com o público externo e os problemas na justiça. Aqui, neste trabalho, apresentamos um histórico do tóxico no Brasil, a atuação do Policial militar no momento da prisão do traficante até o seu julgamento, ^{no judiciário} ~~na justiça~~.

A Polícia Militar é, reconhecidamente, uma Instituição presente, operosa, profissional. No ambiente sócio-político sempre teve destacada atuação e, particularmente; ^{seu conceito} ~~a~~ tem aumentado nos dias de hoje; quando a necessidade básica de segurança vem constituindo-se em prioridade das comunidades. Desta forma, o seu sucesso e sobrevivência como Instituição mantenedora da ordem, só serão asseguradas enquanto conseguir manter sua capacidade de resposta ao meio - ambiente. Seus serviços garantirão sua viabilidade enquanto consideradas necessárias. A oferta de mais serviços desgasta a sua imagem e debilita a sua estrutura. As suas respostas ao meio ambiente devem corresponder às mudanças, isto é, devem ser contínuas e rápidas como ^{tais} ~~elas~~. Sua estrutura, seus critérios, métodos e comportamentos devem ser estabelecidos em função das necessidades e exigências do meio-ambiente.

Sabe-se que, na cidade de Corumbá, no Estado de Mato Grosso do Sul, o "Cartel de Medellin" instalou uma base de operação.

Deus é grande, infinitivamente mais forte do que eu e meus argumentos, confio Nele para alertar as Corporações Policiais Militares, e que ela acorde, para estereotipar este câncer que ^{corrói} ~~corrói~~ a nossa sociedade e para a Polícia Militar ^{para} ~~preparar~~ e lançar homens na rua em condições ^{melhores} ~~mínimas~~ para combater o tóxico, esse que já trouxe tantas desgraças aos lares brasileiros.

I. HISTÓRICO DA ROTA DE DROGAS NO BRASIL

Na segunda metade da década de 50, um estranho personagem, conhecido simplesmente como "Coronel Sabino", tornou-se quase uma lenda em São Paulo e no Rio de Janeiro. Vestindo terno e camisa brancos, gravaças muito coloridas, sapatos bicolores e com um ar de matuto, ele desembarcava uma vez por mês nas duas cidades, carregando três ou quatro grandes malas que faziam dele o "Rei da Maconha". O reinado do Coronel Sabino acabou em uma manhã do início de 1961, quando aviões da Força Aérea Brasileira destruíram, com bombas incendiárias, suas plantações ^{da ervinha} no interior de Alagoas. O homem que popularizou o uso das drogas no Brasil morreu esquecido, cego e miserável, pedindo esmolas no sertão alagoano.

Claro, já havia drogas e viciados no país antes do Coronel Sabino. Um pesquisador meticoloso, certamente, irá encontrar registros dos séculos XVIII e XIX sobre o uso de Opédu, variedade da coca ^{que} cresce na Floresta Amazônica e o do fumo-de Angola, mas seu uso estava quase absolutamente restrito às cerimônias religiosas dos índios brasileiros e ^{dos} escravos e grupos ^{de} capoeiristas.

→ A partir da década de 20, o uso de drogas começou a crescer no Brasil, mas, ainda como um hábito limitado a grupos ^{pequenos} muito restritos. Assim, morfina chegou a ser moda, embora de curta duração, entre milionários e intelectuais que saíam do país para estudar na Europa e lá entravam em contato ^{viciados} com a droga. A cocaína, por seu alto preço e efeitos euforizantes, era preferida por artistas e por frequentadores de festas da alta sociedade. A maconha, por sua vez, ficava contida em guetos pobres, morros, favelas e bandos de pequenos

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

delinquentes. Assim, não é de estranhar que, o maior ímpeto repressivo recaísse sobre seus usuários.

Mas, não se pode atribuir, exclusivamente, ao Coronel Sabino a responsabilidade pela expansão do uso de drogas no Brasil. Ele apenas estava ali, pronto a suprir a procura, quando sua tendência ao crescimento começou a se manifestar. Na realidade, porém, essa tendência já existia desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Para grande parte dos soldados brasileiros enviados para a guerra na Europa, o cigarro colocado na boca da serpente - o Lema da Força Expedicionária Brasileira era "A Cobra vai Fumar" - era ^{referente a} de maconha. Foi nos campos de batalha da Itália, também, que nossos pracinhas travaram conhecimento com as anfetaminas, as chamadas "bolinhas" tão populares entre todos os Exércitos envolvidos na luta, ^{tema da} quanto a canção Lili Marlene.

— A partir do final da guerra, da mesma forma que os Estados Unidos da América (EUA), o Japão e todas as demais nações que haviam se envolvido no conflito, o Brasil assistiu à popularização ao incrível crescimento do consumo de anfetaminas produzidas e vendidas legalmente pelos grandes laboratórios farmacêuticos, no entanto, elas ainda não chamavam a atenção das autoridades. A maior preocupação da Polícia, era então, a repressão do tráfico de maconha, principalmente, porque ao seu uso estavam associados os nomes de alguns marginais, como os célebres Mineirinho e Cara de Cavalo, que apavoraram a população do Rio de Janeiro, então Capital da República, em fins dos anos 50 e nos primeiros anos da década de 60.

Foi só no início dos anos 60 que os governos de todo o mundo, entre eles o do Brasil, passaram a se preocupar com a difusão do vício de anfetaminas. As crescentes restrições à sua comercialização só fez aumentar o mercado negro de bolinhas, obtidas por meio de assaltos a farmácias ou, um pouco mais tarde, pela ^{ma} importação ilegal. As anfetaminas vinham da Argentina, onde sua produção e venda ainda não haviam sido regulamentadas, e, principalmente, do Paraguai, utilizando uma rota aberta para o tráfico de maconha, em substituição às plantações queimadas do Coronel Sabino.

Nas ruas, entre os viciados, essas mudanças podiam ser recebidas na forma e na qualidade das drogas à disposição dos usuários. Os comprimidos de anfetaminas tornaram-se mais escassos, cedendo lugar às soluções injetáveis, e à variedade de maconha conhecida como "manga-rosa" - típica do nordeste brasileiro e uma das mais fortes do mundo, ^{a qual} foi substituída pela "cabeça-de-negro" das plantações para guaias.

O extraordinário aumento do consumo de drogas nos primeiros anos da década de 60 - aliado à crise econômica, ao desemprego e ao arrocho salarial que se seguiram à tomada do poder pelos militares, em 1964, fez com que as grandes cidades brasileiras experimentassem a maior explosão dos índices de criminalidade da história do país. E, embora a maconha fosse mais uma vez apontada como a causa principal da escalada da violência, a verdade é que sua contribuição se dava principalmente de forma correta. ?

De forma direta, correndo nas veias da multidão de ladrões cada vez mais violentos que tomavam as ruas, de armas nas mãos, roubando e matando, agiam as anfetaminas, cujo consumo, após as medidas de restrição à sua venda legal, tinha se confinado quase exclusivamente aos meios criminosos. Um exemplo disso foi o assassinato de Brandãozinho, ex-campeão de Pugilismo, traficante e viciado em drogas.

Sua morte, por outro marginal, em disputa por um dos mais importantes pontos de venda de anfetaminas do país, no centro da cidade de São Paulo, levou milhares de marginais a acompanharem seu cortejo fúnebre. Cercando o cemitério, a Polícia prendeu dezenas de bandidos procurados, apreendeu centenas de armas e milhares de bolinhas.

O perfil do usuário de maconha estava, na segunda metade dos anos 60, em franca mutação. Saindo dos morros e guetos miseráveis, a droga alcançava então a classe média, por meio da geração hippie e dos jovens contestadores. Mas, se os usuários da maconha já não podiam ser apontados como os responsáveis pelo aumento da criminalidade, o mesmo não se dava com a estrutura do tráfico.

A popularização do uso da maconha e a grande elevação do consumo provocavam sangrentas guerras de quadrilhas pelo controle de sua comercialização. E, os enormes lucros obtidos com o tráfico, forneciam aos criminosos um quase irresistível poder de corrupção.

Na tentativa de reduzir o volume de maconha que entrava no país pelo Paraguai, o próprio Exército foi obrigado a exercer a vigilância nas estradas próximas à fronteira. No final da década de 60, grande parte da imprensa policial e a quase totalidade de policiais encarregados do combate ao tráfico de entorpecentes recebiam subornos dos traficantes, quando não eram, eles mesmos, vendedores de drogas. Muitos desses jornalistas e policiais acabaram afastados de suas funções, alguns foram julgados e condenados e uns poucos chegaram a morrer em confrontos de quadrilhas. Um dos piores exemplos do aumento da criminalidade e do poder de corrupção dos traficantes

foi a utilização de policiais, organizados nos chamados "Esquadrões da Morte", para eliminação de rivais no comércio de drogas.

Mas, enquanto as autoridades e a sociedade discutiam esses problemas e desvios, um perigo ainda maior já lançava raízes no país. Foi ainda na década de 60 que, o francês Joseph Auguste Ricord, fugitivo da justiça francesa, que o procurava por ter colaborado com as forças de ocupação nazistas e por ser integrante da organização criminosa conhecida como "União Corsa", começou a estruturar uma nova rota para o tráfico internacional de heroína pela América do Sul, passando pelo Brasil.

Para auxiliar Ricord, que não poderia sair do Paraguai por que os agentes norte-americanos de combate ao tráfico internacional estavam à sua procura, vieram para o Brasil o francês Lucien Sarti, representando a União Corsa, e o italiano Tommaso Buscetta, enviado pela Máfia.

A idéia original de Joseph Ricord era utilizar o Brasil apenas como uma base de onde levar heroína para os EUA. A droga deveria ser enviada pela União Corsa de Marselha para o Paraguai, de lá para o Brasil e, finalmente, para o EUA. Como a América Latina nunca foi produtora de heroína, Ricord acreditava que as autoridades norte-americanas não desconfiariam dos barcos e aviões que chegassem do Brasil transportando drogas.

Tommaso Buscetta, entretanto, tinha outros planos. Porque, perguntava ele, trazer heroína de tão longe, aumentando as despesas e os riscos de apreensão, se havia na própria América do Sul uma droga como a cocaína, capaz de substituir a heroína entre os usuários americanos, com menor perigo de apreensão e maiores lucros?

Além do mais, o Brasil vivia então, no início da década de 70, a euforia do que ficou conhecido como "milagre brasileiro". Buscetta acreditava que, com o aumento da renda per capita no país, já havia aqui um promissor mercado para uma parte da projetada produção de cocaína e uma potencial rede de distribuição, baseada na estrutura do jogo do bicho. A bem da verdade, é preciso dizer que, apenas alguns poucos banqueiros do jogo do bicho aceitaram a proposta de utilizar sua estrutura de cambistas e coletores de apostas para a distribuição de drogas.

Nenhum dos três criminosos internacionais chegou, porém, a participar das operações desse projeto: Ricord acabou deportado para o EUA, Lucien Sarti morreu em um atentado que fez explodir seu barco no Golfo do México e Tommaso Buscetta foi preso e levado pa

ra a Itália, para ser julgado por antigas acusações de ligações com a Máfia.

O vasto projeto de produções, refino e transporte de cocaína acabou, assim, caindo nas mãos dos traficantes colombianos, que ficaram conhecidos como o "Cartel de Medellin". Mas a previsão de Tommaso Buscetta revelou-se acertada.

Em meados de 1988, um traficante preso pela polícia paulista revelou que entravam diariamente no Brasil 500 kg de cocaína. Para se ter uma idéia do que isso representa, basta dizer que, com o grama da droga sendo vendido no Brasil pelo equivalente a 10 dólares - preço bastante barato em relação ao mercado norte-americano - isso significaria que o país estava gastando anualmente 1,8 bilhões de dólares em cocaína, ou seja, mais do que o saldo médio mensal de sua balança comercial.

No mesmo período, um levantamento realizado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, pelo Centro de Orientação Sobre Drogas, criado pelo Deputado José Elias Murad, traçou um perfil do usuário de drogas mineiro: segundo essa pesquisa, o usuário típico de drogas é jovem - 23,7% tem menos de 18 anos; 54,4% tem entre 18 e 26 anos e 21,9% tem mais de 26 anos; somente 1% é negro; 20,7% são mulattos e 72,7% são brancos; e de classe média alta ou rica - 40% dos usuários, contra 30,1% das classes médias baixa ou média e 29,3% de pobres.

As drogas mais usadas são a cocaína, com 10,7%; cola de sapateiro e éter, com 18,5%; xarope à base de derivados de ópio, com 29,6%; barbitúricos, com 21,1%; e maconha, com 67,3%. O quadro se torna mais dramático diante da informação de que apenas 13,2% das pessoas atendidas pelo Centro de Orientação sobre drogas tinham problemas de alcoolismo.

O fato de a maconha reunir 67,3% dos usuários de drogas não chega a ser surpreendente. Pouco mais de vinte anos após a incineração das plantações do Coronel Sabino, o sertão nordestino voltou a ser um grande produtor de maconha. E uma única operação na região de Floresta, do navio, em 1983, a Polícia Federal destruiu mais de 1,3 milhões de pés de maconha, ou, quase dez (10) vezes mais do que a Polícia norte-americana destrói por ano no Estado da Califórnia.

Mas, ao contrário^{do} que ocorria no início dos anos 60, quando

o Coronel Sabino operava praticamente sozinho sua rede de fornecimento de maconha para a cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, o tráfico de maconha transformou-se, na década de 80, em uma das principais ramificações do crime organizado.

Uma prova disso é que, o proprietário de uma fazenda, no sertão pernambucano, ^{onde} ~~em que~~ a Polícia Federal descobriu uma vasta plantação de maconha, era, também, chefe de uma quadrilha especializada em assaltar e matar motorista ^{de} caminhão para roubar sua carga. O outro chefe dessa quadrilha era um dos principais envolvidos no chamado "Escândalo da Mandioca", um golpe em que os criminosos desviaram milhões de cruzados do Banco do Brasil por meio de um empréstimo fraudulento e que acabou levando ^{a morte por} ~~ao~~ assassinato do Procurador da Justiça Federal em Pernambuco, que investigava o caso.

Com os altíssimos lucros obtidos com o tráfico de drogas, os criminosos adquirem um poder de corrupção quase irresistível. Com esse dinheiro, eles pagam altíssimos subornos a guardas de presídios para facilitar suas fugas, quando presos; corrompem policiais, para se manter ^{em} liberdade; e montam grandes arsenais, com os quais resistem até mesmo às investidas de grandes contingentes policiais. Nos morros cariocas, dominados pelos traficantes, a Polícia é obrigada a enfrentar até armas de guerra, como a metralhadora 30, utilizada pelo Exército contra veículos blindados leves.

Nas favelas ^{onde} ~~que~~ dominam, os traficantes procuram apresentar-se como "protetores", que dão segurança à população, impedindo assaltos a seus moradores e distribuindo roupas, remédios e alimentos. Essa visão distorcida da realidade ficou clara, por exemplo, em um dos sambas de maior sucesso no ano de 1987, que dizia:

"Vi um tipo diferente/assaltando a gente/que é trabalhador/morando num morro/muito perigoso/onde um tal de Caveira comanda o "vapor"./Foi aí que o tal garoto/coitado do broto/encontrou com o Caveira./ Tomou um sacode/caiu na ladeira/laiá, minha preta,/ morreu de bobeira".

O "vapor", a que o samba se refere, é o tráfico de maconha.

Mas, ao contrário do que pensa a maioria dos usuários e da população, o tráfico de drogas não é um crime controlado por "pobres coitados" ou pelos "benfeitores" das populações das ^{mais} áreas carentes. A verdade é que o Brasil se transformou, a partir

de meados da década de 70, em um dos principais pontos da conexão das drogas. Assim, a maior parte da maconha consumida nas regiões sul e sudeste é importada do Paraguai, enquanto a maconha colhida no nordeste brasileiro, de melhor qualidade - ou seja, com maior índice de THC - é quase toda exportada. Em pequenos barcos, ela é levada para a Guiana Francesa, onde é transformada em haxixe e, ^{daí} levada para a Europa.

A sociedade brasileira ainda não tomou consciência plena do que significa e de quanto movimenta o tráfico de drogas. Para se ter uma idéia do volume de dinheiro que essa indústria criminosa representa, é suficiente lembrar que um estudo preparado há alguns anos pelo INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Especiais - que utiliza satélites de sensoriamento para a localização de plantação de maconha, afirmava que bastaria uma pequena parcela do sertão nordestino plantada com maconha para pagar, em poucos anos, toda a vida externa brasileira, de mais de 100 bilhões de dólares.

Mas, o Brasil, não é apenas produtor de maconha. Após o assassinato do Ministro da Justiça colombiano, Rodrigo Zora Bonilla, em abril de 1984, pelos chefes do "Cartel de Medellin", os traficantes internacionais passaram a transferir para o Brasil seus laboratórios para o refino da cocaína. E essa mudança não aconteceu, apenas devido à repressão ao tráfico, desencadeada pelo governo colombiano, após a morte de Lara Bonilla.

Para os traficantes, o Brasil representa uma outra vantagem: duas das principais matérias-primas para o refino da cocaína são o éter e a acetona, e o Brasil é o único país da América Latina que produz ambas as substâncias, o que facilita sua obtenção para fins ilegais. Com isso, os traficantes passaram a incentivar os índios a plantarem o Apadu, a variedade amazônica do arbusto da coca e, fizeram de São Paulo um dos principais centros de embarque de cocaína para os EUA, Europa e Oriente Médio. A maior prova dessa importância estratégica do Brasil no tráfico mundial de drogas foi obtida pela Polícia Federal, no início do ano de 1985, pela Operação Eccentric, quando chefes do tráfico mundial de cocaína foram presos em várias regiões do país.

Muitas pessoas tendem a adotar uma atitude parecida à da avestruz, que esconde a cabeça na areia para não ver o perigo: "Desde que nada aconteça à minha família ou a meus amigos, esse é um assunto que não me interessa", dizem elas. Bem, ~~como~~, o que elas não

sabem é que o tráfico de drogas já está afetando suas vidas. Parte do medo generalizado do furto ou do roubo de automóveis é provocado, sem que suas vítimas saibam, pelo tráfico de drogas: boa parcela dos automóveis furtados, no Brasil, é levado para o Paraguai ou Bolívia para ser trocado por maconha ou cocaína.

Mais preocupante ainda, porém, são as ameaças que se esboçam para o futuro. A crise econômica em que o país mergulhou na década de 80 fez crescer a procura por drogas mais baratas. Para atender a esse novo perfil da demanda, os traficantes começaram a introduzir entre os viciados brasileiros o bazuco, um cigarro de tabaco normal ou de maconha, em que se mistura, ^{na} ~~a~~ pasta base de coca ainda não refinada. Com isso, os efeitos da droga são potencializados, mas as impurezas da mistura podem levar o viciado até ~~mes-~~ ^{mo} a morte em apenas dois ou três anos.

O próximo passo previsível seria a discriminação do Crack, uma mistura de cocaína com ^{bicarbonato} ~~bicabornato~~ de sódio que já se transformou no principal responsável pela violência nas ruas de algumas cidades americanas. E, o que parecia impossível, até alguns anos atrás, começa a ocorrer: nos últimos anos tem se tornado cada vez mais frequente, embora ainda em proporções reduzidas, a apreensão de heroína com viciados brasileiros. Talvez, nós estejamos perdendo a última oportunidade para impedir que a disseminação das drogas em nossa sociedade se torne um problema sem solução. Amanhã, pode ser muito tarde.

II. A POLÍCIA NA LUTA CONTRA O VÍCIO

1. Aspectos Psicossociais

O vício como comportamento humano é uma conduta habitual, frequente e repetitiva, comumente contrária aos costumes e aos valores éticos consagrados pelo grupo social. Os vícios, quando figuras delituosas, são casos de Polícia.

a) Características

Diferem das outras formas delituosas nos seguintes aspectos:

- a.1) Exige a existência de um "local específico", no qual as violações são contínuas.
- a.2) necessitam, para existir, de apoio do público.
- a.3) a relação entre delinquentes e vítima que existe nos crimes contra pessoas e o patrimônio, aí inexistente.
- a.4) participação voluntária das duas partes, isto é, delinquente e cliente.
- a.5) Existência de um terceiro elemento que participa das operações de maneira clandestina.
- a.6) industrialização e a comercialização do vício.

b) Consequências imediatas

- b.1) O fato de não existir um dano direto a alguém faz com que se fale que são "crimes sem vítimas".

- b.2) ^Ocria-se uma ideologia em favor do viciado, complicando, de certo modo, a ação policial.
- b.3) ^Oêxito da luta contra os vícios depende da opinião pública.

c) O vício e o crime organizado

O crime organizado é mais próprio das atividades criminosas ligadas ao vício do que aos de outras formas delituosas, pelos seguintes motivos:

- c.1) ^Ocontinuidade das violações;
- c.2) possibilidade de grandes lucros;
- c.3) facilidade de monopólio e de coordenação das atividades delituosas;
- c.4) consegue mais facilmente o apoio popular face ao fato da sociedade condenar mais os crimes contra o patrimônio e pessoas do que os vícios.

d) O vício e as atividades criminosas

É importante para a Polícia combater o vício, por causa da estreita conexão que existe entre ele e as atividades criminosas.

Eis alguns aspectos do problema:

- d.1) ^Aexploração dos vícios fomenta o desenvolvimento da criminalidade.
- d.2) ¹facilita as atividades criminosas, atraindo criminosos como clientes.
- d.3) ^Ocultam criminosos em seus "pontos" ou, ainda, nos permitem locais para "encontros".
- d.4) ^Eestão intimamente ligados (criminosos e viciados) face às atividades ilícitas que desenvolvem.
- d.5) ^Oviciado tem que recorrer a fontes ilegais para obtenção de dinheiro.

e) Problemas Sociais e Morais

Todas as camadas sociais são responsáveis no que diz respeito ao combate dos vícios. É a Polícia, sem dúvida, a única instituição que tem como missão combater o vício comercializado. A Polí-

cia, não interessará o ponto de vista moral e sim, o lógico, para a sua atuação. Os policiais não são reformadores e seu trabalho não será considerado como uma cruzada, sob pena do problema ser colocado emocionalmente e não relacionalmente.

f) A opinião pública

Há sempre diversidade de opiniões entre as pessoas, com respeito ^{aos} aspectos da regulamentação do vício. Isso também dificulta a ação policial. Eis alguns fatos que influenciam a direção da opinião pública:

- f.1) ~~Homens~~ ^{Os} homens de negócios (bares, hotéis, restaurantes, boites, etc), lucram lícitamente na prestação de serviços aos clientes do vício.
- f.2) ^{Os} exploradores dos vícios estão sempre prontos a ^{re}partirem seus lucros, a fim de assegurarem a tranquilidade de seus negócios.
- f.3) ^Pressões políticas e de outros grupos da comunidade sobre a Polícia, buscando a tolerância.
- f.4) ^Aitudes "ideológicas" ligadas a conceitos sobre liberdade pessoal, defendendo a tese da validade dos comportamentos viciosos.
- f.5) ^Críticas constantes à Polícia na imprensa, buscando ridicularizá-la.

A opinião pública toma, basicamente, duas direções: uma, favorável à tolerância e outra, ~~favorável~~ ^{favorável} à rigidez. Diante destas duas posições, a Polícia deve se orientar sob o sustento das seguintes idéias:

- Da mesma forma que o esforço para prender ladrões e homicidas não vai acabar com esses crimes, a luta contra o vício não vai exterminá-lo.
- Não pode a Polícia aderir a uma ou outra corrente de opinião. ^A favorável à tolerância, além de ser ilegal, é contrária ao bem público; a outra, a da rigidez, é impossível de alcançar. ^{Requer-se} um critério administrativo que, fundado no exame criterioso do problema dos vícios, determine o que se pode fazer para atender aos reclamos da sociedade (bem comum) e do público (opinião.).

- Uma posição prudente da Polícia consiste em tratar os delitos contra a moral(vícios)como trata qualquer outra transgressão à lei,e fazer,quando possa,para eliminá-los , assim como trata de eliminar os assaltantes, ^{excesso} excesso de velocidades, etc. A proporção do esforço policial que se orienta para as diversas esferas da ação policial é questão de critério administrativo baseado, em parte, na interpretação da opinião pública.

g) Vício Comercializado

A principal atenção da Polícia deverá focar-se no vício comercializado. O público quer que se processem criminalmente os "grandes", os "chefões", os grandes "magnatas" do vício. A ação cotidiana da Polícia dificulta o trabalho deles, porque suprimem ou diminuem as atividades dos exploradores dos vícios, obrigando-os a ocultarem-se em locais que chamem menos a atenção. Isso é conveniente, porque o mal provém de que o público está inteirado da existência desses centros de vícios e, quando se suprimem, os fracos e os medrosos, são menos tentados. Os exploradores dos vícios não deverão agir ostensivamente, exibindo-se diante do público, porque isso, além de servir-lhes de propaganda, é algo desmoralizante para a Polícia.

A tática de prestar a principal atenção ao vício comercializado coloca-se diante da limitação do efetivo policial e da inviolabilidade do lar. Os esforços são mal dirigidos quando se desloca a atenção ^{para} para casas particulares(vício não comercializado).

h) Investigação Criminal

O trabalho policial mais eficiente resulta em processar as pessoas que administram ou, de alguma outra forma, influem sobre a exploração do vício, do que podem realmente considerar-se como participantes. Os magnatas do vício, em uma atividade como, por exemplo, o jogo, astutamente ocultam provas de sua conexão com esses negócios; encontram-se, na maioria das grandes cidades, às vezes, até disfarçados em funcionários públicos ou de respeitáveis homens de negócios. Para combatê-los com eficiência, terão que ser reprimidas as atividades dos exploradores de alto nível e não limitar sua atenção a jogadores, prostitutas e drogados em particular. É mais eficaz processar a dona do bordel ou um intermediário, que a uma prostituta qualquer; perseguir e processar o vendedor de narcóticos que o comprador; e processar ao proprietário de uma casa de jogo, é

melhor do que ^aseus empregados ou ^aaos clientes.

O tipo ou as características das atividades viciosas faz com que a investigação criminal utilize procedimentos diversos dos ^{que são} empregados nas investigações de outros crimes. Esta investigação é mais longa e de custo maior e é bastante necessária para fazer cumprir a lei com êxito.

As investigações concernentes aos vícios não deverão ser feitas pelo mesmo pessoal encarregado da investigação de delitos contra pessoas e propriedades, porque os indivíduos do submundo dos vícios, freqüentemente, constituem valiosas fontes de informações para aqueles que investigam o vício.

2. Aspectos Jurídicos

2.1. Da Legislação

- a) A Lei nº 6.368 de 21 de fevereiro de 1976, dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências.
- b) O Decreto nº 78.992 de 21 de dezembro de 1976 regula - menta a Lei nº 6.368.
- c) Convenção de 1936 - Decreto nº 2.994 - de 17 de agosto de 1938. Promulgada a Convenção para Repressão de Tráfico Ilícito de Drogas. Convenção de Genebra de 26 de julho de 1936.
- d) Decreto nº 54.216 - de 27 de agosto de 1964. Promulgada a Convenção Única sobre Entorpecentes.
- e) Decreto nº 76.248 - de 12 de setembro de 1975. Promulgada o protocolo de emendas à Convenção Única sobre Entorpecentes, 1961.
- f) Decreto nº 79.388 - de 14 de março de 1977. Promulgada a Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas.
- g) Decreto nº 79.455 - de 30 de março de 1977. Promulga o

Acordo Sul Americano de Entorpecentes e Psicotr6picos.

- h) Estudo de Estado Maior S/N - Santa Catarina, novembro , 1985.

2.2. Conceitos de T6xicos

Entorpecentes e substâncias que determinam dependência física ou psíquica.

- a) T6xico - "É qualquer substância que intoxica, que envenena. A palavra t6xico, quando aludindo a drogas causadoras de dependências e a entorpecentes está nos meios científicos em franca decadência. Prefere-se hoje psicotr6picos.
- b) Entorpecentes - "Entorpecentes são venenos do homem e da sociedade; agem eletivamente sobre o córtex cerebral; suscetíveis de promover agradável embriaguez, podem ser tomados em doses crescentes sem determinar envenenamento agudo ou morte, mas capazes de provocar estado de necessidade t6xica, perturbações graves e perigosas por abstinência, alterações somáticas e psíquicas profundas e progressivas". (DI MSTEEI).
- c) Substâncias que determinam dependência física ou psíquica - "A dependência física não tem nada a ver com o mero hábito nem com a satisfação de um vago anseio emocional". A dependência física difere da dependência psíquica.
- Na dependência física o organismo necessita de droga da mesma forma que do ar. O organismo se adaptou à presença daquela substância. Essa adaptação sobrecarrega algumas funções orgânicas, levando o órgão a exaustão ou degeneração.
- d) O Decreto nº 54.216 - de 27 de agosto de 1964, Assim define "entorpecente" é toda substância natural ou sintética que figure nas listas I e II. Estas listas são relações de entorpecentes. Nelas constam a maconha (canabis) e cocaína (coca).

e) O Decreto nº 79.388 - de 14 de março de 1977, estabelece que substância psicotrópica significa qualquer substância, natural ou sintética, ou qualquer material natural relacionado nas listas I, III e IV do Decreto. Construa, entre outras, o LSD, mescalina, e as chamadas bolinhas (anfetaminas e os barbitúricos).

f) A maconha - A maconha tem o nome científico de CANNABIS SATIVA. É chamada "cânhamo" em quase todo mundo e, em países asiáticos, conhecida como "haxixe". Das hastes e talos da planta fazem-se cordas, ^{de}tem alto valor comercial.

A maconha tem-se tornado um problema policial cada vez mais sério, nestes últimos quinze anos. A título de ilustração, informo que, no Oriente, esta droga vem sendo usada como narcótico, há mais de mil anos. Os viciados orientais mastigam a erva, enquanto os ocidentais usam-na como cigarro. Pode ser deglutida também em misturas doces ou em bebidas preparadas em infusão, como o chá comum.

g) Características da planta - A planta pode crescer até seis metros de altura, dependendo da região. Visto que uma planta muito alta é difícil de se ocultar das vistas de transeuntes, e Cannabis Sativa é encontrada atrás de muros e, bem podada, de modo que a polícia não possa vê-la facilmente. Essa planta pode ser cultivada em climas variados. Em climas quentes ela apresenta uma substância resinosa que tem forte efeito como euforizante e inebriante. A Cannabis Sativa tem um tipo característico que pode variar de acordo com a região onde é encontrada. Naturalmente, o caule tem quatro sulcos longitudinais e varia em cor, do verde claro em plantas tenras a verde escuro em plantas mais velhas. A planta apresenta-se pegajosa ao tato e é recoberta por um pêlo aveludado, dificilmente visível a olho nu. A planta adulta produz uns botões pequenos, dentro dos quais encontram-se as sementes. A semente da maconha apresenta uma cor abacate durante a fase de crescimento da planta e marron-cinza, quando adulta e seca. As sementes são arredondadas e medem mais ou menos uns 3 milímetros de diâmetro - parecem um pouco com sementes de uva. Porém, a característica de melhor identificação da planta está nas folhas que

apresentam nervuras salientes e as orlas serrilhadas. A folha é composta de um número ímpar de folíolos (3,5 ou 7). Os folíolos das extremas laterais são bem menores que as centrais. São longos e estreitos, orlas como dentes de serrateira.

O Habitat da planta - A "cannabis sativa" não exige um habitat especial para seu desenvolvimento normal; ela nasce bem em quase todos os climas e terrenos e, com pouco cuidado, pode ser mantida em condições saudáveis.

Os cultivadores da planta fazem tudo que podem para ocultá-la das vistas dos transeuntes. Por isso, encontram-se plantadas entre fileiras de milho ou atrás de sebes e cercas. Certa vez, um cultivador da cannabis sativa plantou-a dentro de uma garagem sem teto que, para os que passavam, parecia uma garagem normal.

Por conseguinte, os policiais devem estar sempre alertas quando em rondas normais ou quando atendendo a chamados domiciliares em áreas de muitas residências.

O uso da maconha - Pelas observações realizadas dos hábitos e rotineiros dos toxicômanos, chegou-se à conclusão de que a maconha constitui o prefácio da história deles. O toxicômano pode continuar fumando a maconha por todo o tempo ou passar para outro narcótico.

Na confecção dos cigarros de maconha, utilizam as folhas, as flores, as sementes, invólucro das sementes e até a parte superior do pendão. Essa preparação é feita, geralmente, cortando os ingredientes em seções diminutas que são secadas por calor indireto, em um armário ou no forro de uma casa. Depois de seca a planta, removem os pedaços maiores dos talos que, às vezes, são conservados para dar volume e consistência ao cigarro.

No preparo do "fumo" da maconha desfiam as folhas secas com os dedos das mãos. Esse processo é conhecido na gíria, pelo verbo "preparar". O "fumo", depois de preparado, é acondicionado em um recipiente próprio para uso posterior.

A maconha é muito semelhante ao chá ou à manjerona, depois de preparada. O cigarro da maconha é enrolado em papel duas vezes mais grosso que o do cigarro comum, porque o "fumo", depois de triturado, apresenta muitas pontas fi

nas que poderiam furar o papel e, também, o manuseio constante por muitos fumantes estragaria o cigarro muito depressa, se o papel fosse fino. O cigarro da maconha é também mais curto e tem menos diâmetro que o cigarro normal.

Este é feito de fumo finalmente trabalhado, ligeiramente úmido e bastante macio, o que lhe empresta grande firmeza e consistência dentro do papel fino. Por isso mesmo, as pontas do cigarro comum podem ser bem aparadas. Pelo contrário, as pontas do cigarro da maconha não podem ser bem aparadas; as partículas secas da maconha, quando enroladas, não ficam bem acamadas dentro do papel. É por essa razão que as extremidades do cigarro da maconha são amassadas e reviradas, de modo a evitar a perda do "material precioso". Na gíria, esses cigarros são chamados de "chinha" e a bagana é chamada de "besta".

Modo de Fumar - Os fumantes de maconha têm um cuidado todo especial para "fumar" o seu cigarro, a fim de não perderem nada mesmo. Quando vários viciados se reúnem em "assembleia", fumam um único cigarro que passa de mão em mão, para não desperdiçar a fumaça que se evolveria nos intervalos de uma tragada para outra. Se estiverem dentro de um carro, podem fechar todos os vidros para confinar o ar, reter a fumaça e saboreá-la integralmente. Outro processo que eles adotam para aproveitar todo o efeito da fumaça, é reter por mais tempo a fumaça nos pulmões.

Efeitos da maconha - As reações dos viciados em maconha variam de indivíduo para indivíduo. Assim como o álcool, também a maconha age diretamente sobre as pessoas. Os efeitos dependem também do tipo biológico do indivíduo.

Contudo, as seguintes regras gerais servem para se identificar um indivíduo sob influência da maconha. De um modo geral, os entorpecentes são classificados pelo seu efeito deradeiro. Então, a maconha é definida como deprimente. Porém, na primeira fase ela é estimulante, pois acelera os batimentos cardíacos. O indivíduo sob o efeito da maconha torna-se irrequieto e melindroso. As pupilas dilatam-se e o branco do olho torna-se sanguinolento. Os olhos não reagem à luz. O indivíduo fica menos sensível à dor. Por isso, o policial deve ter cautela ao efetuar uma prisão. O "dopado" fica totalmente desinibido, muito mais que se estivesse bêba-

do. Seu senso de tempo e profundidade fica embotado. As horas podem parecer-lhe minutos e os minutos podem parecer horas. Ao subir no meio-fio, pode elevar demasiadamente o pé. Um rachado na calçada, pode parecer-lhe um fôssco. Conta-se um caso que, um maconhado saiu andando pela janela de um prédio alto, pensando que estivesse ao nível do solo. Perdem totalmente o senso de velocidade: podem dirigir muito depressa ou excessivamente devagar.

Devido a todos esses efeitos da maconha, é muito difícil lidar-se com um elemento "zuado". O policial, então, deve fazer a abordagem com precaução e pronto a revidar qualquer ataque inesperado.

Nas fases finais, a maconha produz uma sonolência que obriga o indivíduo a procurar cama.

Eis, agora, alguns dos sintomas externos do indivíduo sob os efeitos da maconha: a pessoa fica tagarela, gesticula demais e dá risadinhas ou gargalhadas. Tem havido muitos rumores inverídicos de que essa droga tem o poder de incitar a pessoa, ^{nao passa} todavia, de balela e mera especulação; a tendência para o crime quase sempre reside na personalidade recalcada do indivíduo e não na potência da droga. Contudo, já dissemos que a maconha desinibe mais que o álcool.

O cheiro da maconha quando está sendo queimada é semelhante ao de folhas em combustão ou também se aproxima do cheiro de cigarros para asmáticos.

Super-excitação ao deixar o vício - As opiniões variam sobre os sintomas que se apresentam no indivíduo que decide largar o vício, uns afirmam que há sintomas, outros que não, quando a pessoa deixa de fumar a maconha,

Nós, particularmente, consideramos que o indivíduo se entrega ao uso da maconha, mais por hábito do que por vício. Quando o indivíduo se habituou bastante ao uso da maconha e se vê, de uma hora para outra, privado da droga, torna-se irritado e deprimido, Apesar da ausência de sofrimento físico intenso. Tem havido casos de automutilação e suicídio, durante essa fase. O exame da urina, em tais casos, revela traços de maconha.

g) A Heroína (diacetilmorfina) - A heroína é o entorpecente mais comum nos casos de viciados em narcóticos. A heroína

é um soporífero, preparado da morfina refinada. A morfina é extraída da papoula, varia da cor bronzeada ao branco acinzentado, como ^{papel} de jornal comum. Uma das principais características da heroína é ser muito leve. Vinte e oito gramas de heroína dão para encher um recipiente do tamanho de um maço de cigarros. O policial, tendo conhecimento do volume aproximado dos recipientes em que conduzem a droga, pode ele ter facilitada a sua tarefa de identificar o narcótico.

A heroína é, normalmente, condicionada em pequenas cápsulas de gelatina. De um modo geral, são resguardados em recipientes à prova d'água. Para camuflar a heroína misturam-na com leite em pó ou lactose. Apenas um décimo da heroína entra nessa composição. Essas substâncias com que misturam a heroína são inofensivas e, em tudo, semelhantes à própria heroína. Um policial terá grande dificuldade para distinguir entre a heroína pura e heroína adulterada por esse processo. Às vezes, a heroína é condicionada em tabletes ou cubos, porém a apreensão mais comum é em pó cristalino esbranquiçado.

Considerações sobre o vício da heroína - a heroína vicia muito mais do que qualquer outro opiato e quatro vezes mais que a própria morfina. O vício pode ser adquirido em pouco tempo. O organismo humano tem um certo grau de tolerância a quantidades cada vez maiores de uma droga qualquer, adaptando-se aos efeitos gradativos sem graves prejuízos imediatos para o organismo.

Porém, se o indivíduo ingerir uma quantidade excessiva de uma só vez, pode ficar doente ou morrer. A tolerância orgânica inicial é muito pequena, mas, depois da primeira injeção, a tolerância aumenta um pouco e assim por diante, até que o indivíduo pode tolerar grandes doses da heroína, sem graves consequências. Nesse ponto, a dose que ele pode tolerar daria para matar uma pessoa não viciada. Além disso, o viciado sente necessidade das doses a intervalos regulares, sem as quais ele sofre demasiadamente, como descreveremos mais adiante..

Uso da heroína - O método mais usado para dissolver a heroína ~~pe~~ é o de misturá-la com água e fervê-la em

uma colher de sopa, sobre uma chama. Em seguida, o líquido é recolhido com uma seringa de injeção, com a ponta da agulha mergulhada em um pedaço de algodão para filtrar as possíveis impurezas contidas na solução preparada. Assim, o líquido está pronto para ser inoculado no organismo, em qualquer músculo. Contudo, para conseguirem um efeito mais rápido, injetam-no diretamente na corrente sanguínea, por injeção endovenosa. As veias mais preferidas são as dos braços, das costas das mãos, do peito do pé e curva da perna.

Nem sempre, viciado em heroína possui todo o equipamento já mencionado para aplicação de injeção. Em lugar da seringa e da agulha, pode ele dispor de um conta-gotas, com o qual injeta o líquido na veia através de um pequeno corte produzido numa lâmina qualquer. Muitas vezes, o viciado adapta uma agulha hipodérmica à extremidade de um conta-gotas comum e coloca uma arruela de papel entre os dois. Os pedaços de algodão usados como filtro no processo de preparação do líquido são guardados para uso futuro. Quando acontece que o viciado não dispõe da heroína para satisfazer o desejo, coloca esse algodão na colher de sopa, com um pouco de água e ferve tudo como faria no processo normal. Como resultado, ele obterá uma pequena quantidade mais fraca do narcótico, e, assim, aguentará até conseguir a sua costumeira dose.

Os Efeitos da heroína - Logo após a injeção de heroína, o indivíduo sente um estímulo extraordinário. Fica bastante eufórico, revigorado e auto-confiante. Porém, à medida que ele vai se acostumando às doses normais, seu organismo vai exigindo doses cada vez maiores para provocar o mesmo estímulo anterior. A heroína e os outros entorpecentes da família dos opiatos (ópio, morfina e codeína) são classificados como depressivos.

Todas as funções orgânicas (respiração, digestão, batimentos cardíacos e reações mentais) sofrem redução em suas atividades normais, quando sob influência de um opioide.

h) O Ópio - O ópio é extraído da papoula oriental (papaver somniferum) encontrada principalmente na Ásia. No México e nos Balcãs, também é encontrada essa planta. O arbusto mede de 1m a 1,20m de altura; tem uma folhagem lisa, porém esmaecida; as flores têm aproximadamente 10 cm de

diâmetro.

O ópio propriamente dito é uma substância leitosa (látex) contida nas vagens que a planta produz. Quando abertas e retalhadas as paredes internas dessas vagens, produzem o látex que é recolhido em forma de um bolo de massa, cuja forma varia de região para região. O ópio cru tem a cor marrom escura ou preta e é muito amargo. Depois, o ópio é fervido, fermentado e cozido até obter-se um produto marrom que pode ser fumado, mascado ou deglutido. É sob essa forma última que o ópio^{na}o mercado comum dos toxicômanos.

Pelos tempos afora, o ópio tem sido o mais destacado dos narcóticos, nas histórias de ficção. As pessoas que desconhecem os assuntos relacionados com entorpecentes, têm uma idéia distorcida das atividades que se desenrolam no sub-mundo dos opiômanos. Acham eles que os viciados se reúnem em tavernas à meia-luz, fumerantes, tragando cada um o seu cachimbo.

Na verdade, o ópio em si apresenta problemas de muita significância, pois é usado exclusivamente por orientais. Já os derivados do ópio (heroína, morfina e codeína) oferecem problemas mais sérios para a Polícia.

Uso do ópio - Os cachimbos usados para fumarem o ópio são de diferentes tem^{as} e formas, porém uma característica especial os distingue dos outros. O recipiente do fumo é fechado, exceto por um pequeno orifício por onde a "pelota" de ópio é introduzida. Às vezes, encontram-se cachimbos engenhosamente construídos, como aquele do frasco pequeno em que fazem um orifício lateral para introdução de um tubinho de borracha, por onde tragam a fumaça.

Para prepararem a "pelota", aquecem o ópio sobre uma pequena lamparina com óleo de amendoim (que exala uma fumaça mais agradável) ou sobre uma brasa incandescente.

Quando usam a lamparina, aproveitam todo o calor da flama dirigindo-a de um cone. Quando o ópio atinge um certo ponto de viscosidade, mergulham no líquido uma agulha de metal longa que, com um ligeiro movimento rotat^orio, forma uma "bolinha" de ópio. Essa bolinha vai ser cozida e amas

sada por sobre o calor da flama, de forma a tomar consistência, e depois, é introduzida no cachimbo através do pequeno orifício já mencionado. O viciado traga lenta e profundamente a fumaça.

Os resíduos que sobram (chamados de "yen shee") são aproveitados posteriormente para fumarem de novo ou para serem misturados com algum tipo de bebida ou, ainda, remisturados com água, para aplicação de injeção. Essa mistura com bebidas, chama-se "yen shee suey".

Efeitos do Ópio - Os efeitos do ópio são similares aos provocados pela heroína. A droga é absorvida lentamente pelo organismo e, aos poucos, provoca sonolência gradual até o sono profundo, acompanhado de sonhos fantásticos e agradáveis. Por isso, o indivíduo se torna escravo do vício e padece horivelmente quando privado da droga. O ópio em combustão exala um odor suave enjoativo.

Identificação dos opiômanos - Os sintomas perceptíveis de uma pessoa sob os efeitos de um ópio, variam de acordo com a quantidade ingerida. Um habituado que tenha ingerido uma dose a que já está acostumado, mostrar-se-á calmo e quase normal. Sentir-se-á alegre, satisfeito da vida e aparentemente livre de problemas. Contudo, as suas pupilas se reduzirão a um pontinho ^{diminuto} ~~de minuto~~ e ficarão insensíveis à luz, o que lhe dará um aspecto de olhar fixo e esgaziado; seu pulso cairá bastante e a respiração ficará lenta. Os viciados que tomam mais que a sua dose costumeira de heroína podem cair em coma. Quando um toxicômano sente desejo de tomar uma injeção ou "picada" (na gíria) e não pode fazê-lo, por qualquer razão, ele se torna nervoso, vacilante em suas atividades e não merece confiança. Torna-se suarento, as mãos ficam frias e pegajosas. As funções do sistema de excreção fisiológica aumentam consideravelmente. O nariz e os olhos começam a escorrer e pode ser atacado de diarreia. ESSA É A FASE PERIGOSA. O viciado estará disposto a tudo para obter sua dose. É nessa fase principalmente, que ele pode chegar ao ponto de cometer crimes para obter o narcótico desejado. Chamo a atenção dos policiais sobre a abordagem de viciados nessa fase, por causa de suas reações inesperadas.

- i) A morfina - A morfina é o principal alcalóide do ópio . É usada legalmente pela medicina como analgésico. A morfina é encontrada em forma de um pó branco ou em cubos brancos, tendo aproximadamente 1 cm de lado.

Entretanto, é mais encontrada pela Polícia em forma de ~~de~~ tabletas brancas ou quase brancas, muito semelhantes aos tabletas de sacarina vendidos nas farmácias. Esses tabletas são condicionados em pequenos frascos rotulados com o nome "sulfato de morfina" ou "tartarato de morfina" ou "cloridrato de morfina". Por ser muito quebradiça a morfina, o policial deve ter bastante cuidado ao manuseá-la, para não reduzi-la a pó.

Uso da morfina - Embora a morfina possa ser ingerida por via oral, considerem esse método extravagante. Via de regra, o viciado injeta a solução de morfina em seu organismo, como o faz o viciado em heroína. ~~Às vezes, a solução de morfina vem condicionada.~~ Às vezes, a solução de morfina vem condicionada em syrettes (pequenos tubos tipo seringa com uma agulha hipodérmica na extremidade).

- j) A codeína - A codeína também é um sub-produto do ópio, muito semelhante à morfina. É usada do mesmo modo que a heroína e a morfina. Contudo, a codeína não é usada em grande escala por causa de seu baixo índice de toxidez.

Efeitos da Codeína - Sendo a codeína um opiato, seus efeitos são similares aos da heroína e morfina, guardadas as proporções da diferença de índice de toxidez.

Os efeitos da codeína, portanto, são muito mais brandos que os efeitos daquelas.

- k) A Cocaína - A cocaína é um pó branco, cristalino e brilhante extraído das folhas da COCA (erythroxylon coca). A coca é cultivada na América do Sul, principalmente no Peru. Também em alguns países tropicais do Velho Mundo, cultiva-se em menor escala, a COCA. A cocaína é muito semelhante aos sais amargos. As folhas secas, quando mastigadas, tem um sabor semelhante ao do fumo comum. A cocaína pura é muito usada como anestésico dentário.

Uso da Cocaína - A cocaína é geralmente usada em contato com uma mucosa qualquer. Às vezes, fazem a inalação nasal ou conservam uma certa quantidade entre os lábios e os dentes. Alguns viciados gostam de mastigar as folhas secas da cocaína ou dissolvê-las em água para injetar o líquido no organismo, com uma agulha hipodérmica. Considerando que o efeito da cocaína é altamente estimulante, porém de curta duração, o viciado pode repetir a dose mais amiúde de modo a reativar o efeito inicial sem o desagradável trabalho de tomar doses cavalares.

Atualmente, os habituados têm adotado a prática de misturar a cocaína com um antídoto fisiológico, tal como a morfina. Esse modo de proceder apresenta uma dupla vantagem: primeiro, a neutralização dos efeitos desagradáveis e, segundo, uma euforia mais prolongada, por causa da presença da morfina. Uma maneira de ingerir a cocaína é aspirando como o rapé. Colocam uma pitada no dorso da mão e inalam profundamente o pó. Contudo, esta absorção por via direta resulta na destruição de células e corrosão do septo nasal. Essa deformação não é conhecida como "nariz de rato".

Efeitos da Cocaína - O viciado em cocaína encontra no hábito uma fuga à realidade, um modo de desinibir-se e criar coragem. Logo após uma injeção de cocaína, o indivíduo sente uma grande sensação de euforia e êxtase, que pode atingir as raias da paranóia. E, como vítima de seus próprios devaneios, cometerá qualquer crime, inclusive homicídio. O principal perigo da cocaína é o de provocar no indivíduo uma predisposição mórbida para o crime ou emprestar-lhe uma falsa noção de coragem, necessária para praticar crimes.

A cocaína é bem diferente dos outros narcóticos, pois é classificada como excitante. É uma droga altamente estimulante e o indivíduo sob os ^{seus} efeitos da cocaína fica muito sensível e nervoso. Às vezes, torna-se hilariante, emocional ou excitado.

Quando o indivíduo está "tomado" pela cocaína (ou coca) têm reações nervosas rapidíssimas. Torna-se facilmente espantado e pode assustar-se em causa real. Por isso, é um elemento perigoso nessa fase, já que não raciocina

direito. Esse tipo de viciado é o mais perigoso deles, não se esqueçam. Na maioria das vezes, ele agirá primeiro para pensar depois. Um indivíduo "cocainado" e cometendo roubo, por exemplo, é capaz de agredir sua vítima ao menor sinal de reação da mesma. Por causa desse efeito excitante da cocaína, alguns criminosos ingerem a droga a fim de acharem coragem para cometer o crime que tem em mente. Por extensão, a cocaína é também conhecida como "prova de coragem".

As pupilas dos olhos de um indivíduo sob os efeitos da cocaína diferem das de um elemento sob os efeitos do ópio. Aquelas tornam-se dilatadas, não reagem à luz e se fixam em um ponto invisível. Contudo, em estado normal, o mesmo indivíduo não apresenta sintomas físicos visíveis que o denunciem como sendo viciado.

O vício e a tolerância à cocaína - Existe uma série de conceitos errados com relação às propriedades entorpecentes da cocaína. Ela não subjuga nenhum órgão ou função orgânica. O uso continuado da cocaína é um costume e não um vício, no sentido de escravização do indivíduo à droga. A necessidade aparente que o indivíduo sente é uma mera dependência psíquica, causada pela rotina e pela ~~rotina e pela~~ repetição. Por conseguinte, quando o viciado é, repentinamente, impedido de fazer uso da cocaína, não experimenta sintomas sérios pela privação da droga. Por outro lado, o organismo não desenvolve nenhum fator de tolerância progressiva à cocaína.

- 1) Entorpecentes Sintéticos - Nos últimos anos, a ciência tem criado uma série de drogas sintéticas a fim de substituírem os opiatos naturais. Essas drogas assim manipuladas em laboratórios e, portanto, sem nenhuma vinculação com a origem botânica dos opiatos, produzem os mesmos efeitos dos narcóticos já comentados neste trabalho. São conhecidas vulgarmente como analgésicos, isto é, drogas que "aliviam as dores".

O policial lidará mais provavelmente com as seguintes drogas sintéticas.

CLORIDATO DE METAPIRIDINA - essa droga é também conhecida pelos seguintes nomes comerciais: demoral, dolantina e petidina. Tem um teor analgésico mais ou menos entre

a morfina e a cocaína. Por isso tem um certo grau de "convite" ao vício, semelhante à morfina, porém mais brando.

DILAUDID - (DIHIDROMORFINA ou seus SAIS) - Essa droga tem relação muito estreita com a morfina, tanto em sua natureza química como nos efeitos fisiológicos que provoca. Todavia, é mais eficaz que a morfina, já que com doses menores obtém-se os mesmos resultados da morfina. Os sintomas experimentados pelo viciado, quando privado dessa droga, são bem semelhantes aos do morfinômano.

m) Drogas Perigosas - Certas drogas merecem atenção especial por parte da polícia, por causa de sua popularidade e efeitos danosos causados pelo ^{mau} uso delas.

É notório que existem mercados clandestinos e comércio ilegal muito bem organizados para o tráfico dessas drogas.

Viciação, Tolerância e Privação - As opiniões divergem no tocante às propriedades de viciação das drogas perigosas. A medicina tem considerado o uso dessas drogas como um simples hábito e não como vício. Não se tem notícia de sofrimentos físicos advindos após a privação de uma droga a um viciado. Talvez possamos fazer uma relativa exceção ao habituado em barbitúricos. O índice de tolerância progressiva desenvolvido pelo organismo é muito insignificante, mesmo pelo organismo submetido a uso prolongado de entorpecentes. Apesar de não podermos classificar essas drogas como viciantes no sentido exato do termo, temos de convir que elas podem, de uma forma ou de outra, escravizar psicologicamente o indivíduo. Por isso mesmo, a maioria dos viciados necessitam de cuidados médicos para conseguirem largar o hábito.

n) Barbitúricos - Sem dúvida alguma, os entorpecentes de que se faz mais uso e abuso são os barbituratos ou derivados do ácido barbitúrico.

Essa droga é considerada como sedativa e receitada para o tratamento de insônia, nervosismo e outras manifestações correlativas. Uma dose excessiva de barbiturado causa intoxicação e pode ser letal. É muito comum o uso ^{do}

ses excessivas de barbituratos por pessoas que querem se suicidar.

Identificação dos barbituratos - Os barbituratos são encontrados normalmente em forma de pó branco. Mas também são apresentados em forma de soluções, tabletes ou cápsulas. Os nomes comerciais dos vários barbituratos dariam uma lista bem longa em que, provavelmente, os primeiros seriam: barbital, fenobarbital, sôcio maital, sec^onal e nemb^utal.

Os barbituratos também são apresentados pelos diversos laboratórios em cápsulas de gelatina, com uma cor para cada série produzida,

O secosal, normalmente, aparece em cápsulas ou comprimidos; nemb^utal, em cápsulas amarelas e o fenobarbital, em forma de comprimidos.

Contudo, o policial não pode valer-se tão somente das cores e formas para identificar os diversos barbituratos.

Efeitos dos Barbituratos - Os barbituratos têm efeito hipnótico. O indivíduo sob os efeitos de um barbiturato sente um relaxamento e um torpor que podem chegar a uma completa confusão mental e instabilidade emocional. O início de reação e tempo de duração dos diversos barbituratos variam de acordo com o tipo e fabricação de cada um.

O fenobarbital, por exemplo, age lentamente porém, dura muito tempo. O secanol começa a agir após uns 15 minutos e dura muito pouco.

Todos os barbituratos agem sobre o córtex cerebral, embotando parcialmente o ego e as inibições naturais do super-ego.

Uma dose de barbiturato, para ser considerada letal, deve ser quinze vezes mais forte que uma dose para dormir. Contudo, se o barbiturato for misturado a uma bebida alcoólica, os efeitos serão mais tóxicos. Alguns alcoólatras dissolvem os comprimidos de fenobarbital ou outro barbitúrico qualquer em sua bebida, a fim de con

seguir uma impacto mais forte,

o) Anfetamina - é o mesmo que benzedrina. Na mesma categoria química da anfetamina podemos incluir a efedrina e a epinefrina (adrenalina).

Essas drogas são as mais conhecidas dos estimulantes chamados de "pílulas dinâmicas" (pep pills). Elas agem sobre o sistema simpático, estimulando certos impulsos nervosos que, por sua vez, levam ao cótex cerebral o comando de uma ação primária qualquer.

Essas drogas soerguem o espírito, "espantam" o cansaço e dão uma sensação de grande capacidade de trabalho.

Apresentação da Anfetamina - A anfetamina é apresentada, muitas vezes, como um líquido incolor, sabor causticante e um cheiro muito forte; ou em forma de um pó branco, cristalino. Houve uma época em que a anfetamina podia ser facilmente conseguida em forma de inalante. Os toxicômanos retiravam o conteúdo de papel dos inalantes de anfetamina e os ingeriam.

Atualmente, a anfetamina é apresentada em forma de comprimidos. A benzedrina e a dexedrina são nomes comerciais comuns para a anfetamina e derivados.

Efeitos da anfetamina - Alguns autores têm dado à anfetamina o nome de "cocaína moderna" porque os efeitos dela são semelhantes aos da cocaína, se bem que mais brandos. Quem ingere a anfetamina sente-se possuído de eficiência muscular inusitada, a levantamento dos ânimos, um estado de vigília permanente e perda de apetite. Por tais propriedades, a anfetamina é administrada muitas vezes aos ^{calouros} de corrida e também, é receitada para emagrecer.

A anfetamina provoca certos tremores e tiques no indivíduo. Quem tem uma personalidade instável pode manifestar reações de psicose.

Um dos reais perigos dessa droga é que ela pode camuflar o cansaço, levando o indivíduo ao colapso fatal, por ignorar a verdadeira situação do próprio organismo.

O organismo humano desenvolve pouca tolerância à anfetamina e os sintomas de ânsia subsequentes à privação tam

bem são pouco aparentes.

p) **Bolinha** - O termo "bolinha" é aplicado ao resultado que conseguem os toxicômanos, misturando drogas de efeitos antagônicos, tais como um barbiturato qualquer (hipnótico) e uma pílula dinâmica (pervitin). por exemplo. Alguns indivíduos preferem essas drogas de efeitos opostos que produzem no organismo uma sensação de euforia esquisita.

q) **Hidrato de Cloral** - Embora o hidrato de cloral não seja uma droga que leva o indivíduo ao vício, vamos citá-la neste trabalho porque é usada, muitas vezes, em ações criminosas, para fazer desmaiar a vítima.

Por ser altamente solúvel em água ou álcool, pode ser misturada na bebida para fazer com que a vítima caia em profundo sono. Se for adicionada à bebida alcoólica torna-se muito mais potente. Uma dose excessiva pode resultar na paralisação da respiração e batidas cardíacas, causando a morte.

O hidrato de cloral é encontrando em forma de cristais transparentes e incolores, de um cheiro forte, sabor ardente. É apresentado, normalmente, em tabletes e cápsulas.

5) **Peiote** - Essa droga merece atenção também, pela sua recente popularidade como entorpecente e seu amplo uso entre os índios norte-americanos.

Os índios usam esse entorpecente em suas cerimônias religiosas e, antigamente, usavam-no como preparativo para as batalhas.

Essa droga tem um efeito semelhante ao da maconha, pelo que foi apelidada de "maconha de cor". Produz alucinações de um colorido vivo que foram interpretadas pelos índios como "incorporação de espíritos". O peiote é extraído de um cacto liso, semelhante a um botão de roupa ou a pequeno cogumelo. Esses botões são deglutidos ou preparados, em infusão, para fazer a bebida. O resultado tem um gosto bem amargo e pode provocar náusea, mas não dá ressaca. O habituado, ao ingerir esse entorpecente, tem uma sensação de bem-estar, mas nenhuma tendência para ficar valente.

O cacto que produz o peiote pode ser facilmente cultivado em áreas secas e desertas. O uso desse entorpecente têm se generalizado muito nos últimos anos e o número de adeptos da droga também tem aumentado bastante.

3. Aspectos Processuais dos Tóxicos

3.1. Dos vários crimes previstos na Lei Anti-tóxicos (Lei nº 6.368/76).

- a) Os artigos 12 a 19 da citada lei são os que tratam das figuras delituosas.
- b) A lei não pune apenas a conduta de "usar". Ninguém pode ser punido por usar tóxicos, mas pode ser por portar a substância, mesmo que para uso próprio.
- c) Há uma diferença na pena imposta ao que traz consigo, guarda ou adquire para uso próprio com o que se utiliza da substância tóxica para comercializar.

3.2. Da Condição Indispensável para a Tipificação do Delito

Pelo art. 36 da Lei Anti-Tóxicos, o delito só será caracterizado se a substância apreendida com o acusado estiver relacionada pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia, ou por lei, como capaz de determinar dependência física ou psíquica.

O laudo toxicológico não é para verificar se a substância é ou não tóxica, mas sim, identificá-la para se saber se está ou não relacionada como entorpecente.

3.3. Do Inquérito Policial

Quando o inquérito se iniciar por auto de prisão em flagrante delito, o processo é remetido ao Juiz, no prazo máximo de 5 (cinco) dias.

Quando o processo não se inicia com prisão em flagrante, o prazo é de 30 (trinta) dias.

3.4. Da Justificativa de Classificação do Fato

De acordo com o artigo 137 da citada lei, cabe à autoridade policial justificar, ^{em} um despacho fundamental, as razões que a levaram à classificação legal do fato.

3.5. Do Sigilo do Inquérito e da Ação Penal

De acordo com o artigo 26, é obrigatória a manutenção de sigilo, ressalvados os casos especiais.

3.6. Da Prisão em Flagrante

a) Obedece ao determinado no Código de Processo Penal. É uma peça importantíssima para o oferecimento da denúncia, o auto de flagrante delito, por isso, a apresentação do fato e a audição das testemunhas tornam-se de relevante importância, face ao fato dos tribunais não verem com bons olhos o depoimento de testemunhas policiais. "Sem dúvida que existem policiais desonestos, capazes de forjarem um flagrante com o fim de prejudicar alguém que não lhes agrade, mas isto é regra absoluta. Assim, ao invés de, como norma, duvidar-se do depoimento dos policiais, deve-se fazer com que o Magistrado avalie o caráter e a personalidade do acusado e de seus acusadores, inteirar-se da vida progressa do preso, das circunstâncias da prisão, para, deste modo, poder dar ao ato o valor exato que lhe for devido."

b) Dos Laudos Toxicológicos

De acordo com a lei, os laudos são elaborados: um de contestação, o provisório, e outro, definitivo. O laudo provisório tem o fim de possibilitar a lavratura do flagrante e o oferecimento da denúncia. É elaborado por perito oficial ou na falta deste, por pessoa idônea de preferência com habilitação técnica. O laudo

definitivo será remetido a juízo até o dia da audiência de instrução e julgamento e terá que ser o mais completo possível. O atraso na entrega do laudo jamais servirá para absolvição do acusado. O juiz deverá determinar diligências necessárias para a sua entrega ou elaboração e mandar apurar as responsabilidades.

3.7. Como se Procederá em caso de não haver base para denúncia

Nesse caso, o processo é devolvido à autoridade policial para maiores diligências ou arquivamento. Assim, haverá que ser relaxada a prisão do acusado, devendo, pois, o promotor agir dessa forma somente na falta absoluta de elementos de convicção ou de clara e evidente inocência, "pois o brocado *"in dubio pro reo"* só é aplicável na sentença."

3.8. Da Defesa

a) A defesa pode ser baseada nos seguintes motivos, desde que cabíveis:

- Negativa da autoria;
- Ausência de dolo no ato do acusado;
- O acusado consumia o tóxico por ordem médica.

3.9. Da Audiência de Instrução e Julgamento

No Código de Processo Penal, art. 23 da Lei nº 6.368/76 diz: "Serão ouvidas as testemunhas da acusação e defesa". Como pode a acontecer que sejam os policiais as testemunhas, é necessário que os mesmos estejam devidamente preparados e seguros para essa inquirição.

3.10 Jurisprudência

a) Tóxico - Apresentação - Testemunhas

Se o réu nada tinha em seu poder quando foi submetido a busca pessoal e a diligência levada a efeito em sua residência, por policiais não ^{houve} testemunha ^{estranha} à presença-la, não se configura o delito ^{descrito no} art. 281, do Código Penal.

b) Tóxico - Prova - Depoimento Policial

Policiais não são impedidos de depor, mas o que torna manifestamente ^{mente} suspeito seus depoimentos é a sistemática e constante exclusividade em casos relacionados com o uso e comércio de entorpecentes, quando facilmente, muitas vezes, gritantemente, possível a convocação de elementos estranhos aos quadros da Polícia.

c) Tóxico - Porte - Busca e Apreensão Domiciliar

Não tendo havido testemunha da busca e apreensão, realizada com violação da lei, fica a palavra de defesa, que nega a posse do tóxico, contra a da acusação. E, como é esta que tem que provar, podendo a defesa limitar-se a negar e aguardar que contra ela se faça a prova, a conclusão é necessariamente a de liquidez no caso, impondo-se a absolvição do réu.

d) Tóxico - Porte de pequena quantidade

Sendo confesso o réu, é irrelevante a quantidade do tóxico, ^S sancionável é a infração prevista no art. 281 do Código Penal, com a redação dada pelo Decreto Lei nº 385, de 1968.

e) Tóxico - Porte - Prisão em Flagrante

Mesmo nos delitos permanentes, como no porte de entorpecentes, a ^{flagrante} ~~flagrância~~ só se dá quando o agente é pilhado ^{em} pleno cometimento ^{do} do delito ou logo após, em situação que faça presumir ser ele o autor da infração.

f) Tóxico - Porte - Quantidade Mínima

A quantidade de tóxico é irrelevante para a configuração do delito do art. 281 do Código Penal, bastando a evidência de que era suficiente para sua destinação específica.

III. A POLÍCIA MILITAR CONTRA O VÍCIO

1. O Caminho do Entorpecente

Podemos visualizar o seguinte esquema para marcar o itinerário dos entorpecentes(maconha e cocaína) da sua origem até o usuário.

- 1ª. FASE - Cultivo - Do arbusto de coca e da cannabis sativa. Peru , Bolívia e Colômbia como os grandes produtores de cocaína e o Paraguai, de maconha.
- 2ª. FASE - Industrial - Processamento ou preparação das folhas de coca em pasta, de coca para posterior purificação e transformação do cloridato de cocaína (pó). Em relação à cannabis sativa, sua preparação resulta na nossa maconha.
- 3ª. FASE - Distribuição - Inúmeras rotas têm sido assinaladas. Com relação à cocaína, a distribuição basicamente é da pasta de coca, embora se registre também transporte de cocaína refinada. Em São Paulo e Rio de Janeiro, já foram registrados casos de refino de cocaína.
- 4ª. FASE - Comércio-É a redistribuição para os grandes centros fornecedores, que vão se encarregar do abastecimento das bocas de fumo, que por sua vez se encarregam do fornecimento a revendedores que vendem em apartamentos, boites, automóveis, etc.

5ª. FASE - Consumo - É a chegada ao usuário, normalmente o dependente, É a venda direta ao usuário.

A ação da Polícia Militar, basicamente, se desenvolve nas 4a. e 5a. fase.

2. O Relacionamento do Usuário com o Traficante

O relacionamento do dependente com o traficante é comercial. É, na maioria das vezes, amistoso. O pagamento é geralmente feito em dinheiro. Excepcionalmente, o traficante aceita objetos de valor em pagamento da droga. Neste caso, o objeto adquire preço mínimo. Fia do, dificilmente. Há registros de dependentes que juntam objetos para trocarem por entorpecentes, objetos de ouro, toca-fitas, armas, relógios, etc.

A constância da clientela não facilita o trabalho de investigação. Isso dificulta o trabalho de infiltração policial. Nem sempre, o cliente diz de quem compra. Apesar de tudo, um bom trabalho de investigação em cima da clientela pode levar, sem dúvida, ao fornecedor.

Nos pontos de asfalto, o relacionamento dependente - usuário - traficante é mais íntimo. Quando há abstenção por parte do comprador, o traficante fica desconfiado, lança outros dependentes de amizade comum, à perseguição do desgarrado, cujo afastamento representa sempre um sinal de perigo. Entre os usuários e dependentes de boa posição social, financeira, de proteção popular, a ligação é mais sólida. Entre esses, há relacionamento de amparo e proteção mútuas e o afastamento do dependente, nesse caso, é bem mais difícil, pois sua proteção é extramamente necessária ao traficante.

Quanto à fraude, é mais comum na cocaína, que pode ser misturada com "melhoral em pó", maizena, bicarbonato de sódio, etc." A maconha com "esterço e mate". LSD falsificado por meio de "pingos de vela". O traficante geralmente evita falsificar a mercadoria, pois tal prática desmoralizaria seu ponto.

3. A Venda dos Tóxicos

3.1. Nos morros e favelas, se processa^{ne} nas denominadas "bocas - de fumo", aí funciona a venda para os grandes fornecedores do asfalto. O

combate sistemático às bocas de fumo deve ser o grande ^{objetivo} ~~adjetivo~~ das ações policiais. As bocas-de-fumo apresentam as seguintes características:

- a) facilidade de contar com o apoio popular que é hostil às ações policiais;
- b) Muitos pontos de fuga;
- c) Possibilidade de agrupar vendedores e protetores da boca-de-fumo;
- d) Melhor distribuição na tática de olheiros;
- e) Vendedores com antecedentes ou ~~são~~ foragidos da justiça;
- f) Melhor divulgação do ponto (as bocas-de-fumo são bem conhecidas);
- g) Grande abastecimento (estoque fica armazenado em barracos);
- h) a "segurança" da boca-de-fumo garante ao cliente contra qualquer ação de marginais locais.

3.2. Em casas e apartamentos

Apresentam as seguintes características:

- a) Os locais ^{são} ~~ação~~ distantes das bocas-de-fumo de morro;
- b) A venda é feita mais discretamente. Os clientes são conhecidos e certos;
- c) O abastecimento é sempre renovado; é pequeno de estoque; em alguns casos ^{são} ~~ação~~ usados alçapões;
- d) Menos vulnerável às ações da Polícia, ^{mas} ~~tem~~ a seu favor a invasão de domicílio; as investidas policiais são mais cautelosas;

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

e) Estes pontos não têm longa duração, pois a vizinhança geralmente não aceita e faz denúncia anônima;

f) Serve para encontros ou reuniões para consumo de tóxicos em grupo.

3.3. Venda em Automóveis

São explorados pelos chamados subtraficantes que se dirigem aos compradores menos corajosos, talvez menos viciados (iniciantes), estudantes e compradores ocasionais. Agem nas praias e o comprador aguarda e, mediante sinais combinados, efetua-se a transação.

3.4. Outros locais: rua, clube, domicílio, praias, vendedores ambulantes, restaurantes, motéis, etc.

O comércio de tóxico busca todas as formas passíveis de intercâmbio entre o fornecedor e o comprador. Senhas são criadas para a transação do tóxico, exemplo quando o cliente pede um "guaraná quente" (cocaína). A segurança contra o flagrante é bem cuidada, exigindo da Polícia um esforço contínuo e concentrado. Em clubes, ruas, restaurantes, o traficante é conhecido, os clientes circulam e encontram com os mesmos em lugares fechados.

4. O Crime e os Criminosos na Lei Antitóxicos

4.1. Os criminosos

- a) Traficante - são todos os que, de algum modo, participam na produção e circulação de drogas.
- b) Usuários - Sem qualquer distinção de categorias: experimentadores, usuários habituais, não dependentes, etc.
- c) Dependentes - Os que "não praticam crimes". Serão submetidos a tratamentos.
- d) O viciado em potencial - Ao estudarmos o viciado em potencial, temos de considerar os fatores que podem in

fluenciar a personalidade do mesmo. Como sejam: classe ^{social,} nacionalidade, raça e grau de instrução. O viciado em potencial é um indivíduo com tendências para aventura mas, quase sempre, profundamente complexado. Por isso, ele procura fugir da realidade e, através de associação de idéias erradas, começa a usar o entorpecente para atingir seu objetivo.

- e) O maconheiro - A causa do vício da maconha reside em fatores psicológicos que podem ter suas origens, na maioria das vezes, em um lar desajustado, nos sub-mundos da delinquência ou por tendências homossexuais. Esses fatores aparecem, de uma forma ou de outra, interligados.

Podemos chamar a esse indivíduo de um desajustado social, já que se arrima no vício como a uma mulata moral para ocultar complexos de inferioridade, produzidos pelas causas já apontadas (raça, ambiente e educação) e bem assim para justificar seus desregramentos morais e desajuste social.

- f) O fumante experimental - O indivíduo que experimenta a maconha apenas para sentir a euforia que produz, não precisa de estímulo artificial e, por isso, depois de experimentar uma, duas vezes, esquece o fato. Terminam aí sua efêmera potencialidade e sua aventura,

- g) O viciado direto - O viciado direto é aquele que, por influência de companheiros, é levado ao uso de entorpecentes. Esse tipo de viciado não usa a maconha, mas começa logo com a heroína. Constitui, aproximadamente, dois por cento dos viciados dos Estados Unidos.

O viciado direto é normalmente um indivíduo tímido que acha que apenas ele é o responsável pelo seu próprio vício. Ele procura consideração e se vale de expedientes ilegais para garantir seu vício, tais como furtos de pouca monta, arrombamentos, roubos em lojas, etc.

- h) O viciado progressivo - o viciado progressivo é o elemento que usa a maconha por um razoável espaço de tempo até que, por razões de tolerância orgânica, sente necessidade de aumentar as doses, já que não mais encontra os

efeitos desejados. Então, muda ~~ele~~ para entorpecentes mais fortes como a heroína, experimentando algumas doses injetadas sub-cutaneamente, até tornar-se viciado com a nova droga. Constitui, aproximadamente, noventa e sete por cento dos viciados nos Estados Unidos.

Esse tipo de viciado acredita que a sociedade é responsável pelo seu vício e que deve, por isso mesmo, manter seu vício. Ele se torna insensível aos sentimentos da família e de religiosidade. Esse tipo de viciado pende para crimes mais sérios, como roubo, assalto, falsificação, roubo de automóveis e, às vezes, homicídio.

- i) O viciado patológico - o viciado patológico é aquele que, por razões de tratamento médico, recebe entorpecentes para avaliar as dores provenientes de doenças incuráveis, como o câncer, artrite, etc. e, depois, torna-se viciado. Os indivíduos não prejudicam a sociedade em que vivem. Constituem menos de um por cento dos viciados. São em casos raríssimos tornam-se "Casos de Polícia", pois têm assistência médica e de seus familiares.

4.2. Os Crimes

O capítulo III da Lei nº 6.368, trata dos crimes e das penas sob o aspecto da limitação formal de que falaremos.

- a) Importar e Exportar - ambos se consumam pela passagem nas barreiras alfandegárias e de fiscalização ou, em locais que não existem (entrada e saída clandestina), com ingresso ou saída do território nacional.
- b) Remeter - é mandar de um lugar para outro, seja por que meio for.
- c) Adquirir - aquisição para si ou outrem, por compra ou troca ou mesmo, gratuitamente.
- d) Vender ou expor à venda - trocar por dinheiro ou o que represente. E expor à venda a droga exposta, publicamente ou não.

- e) Oferecer e fornecer - a oferta pode ser para venda ou gratuitamente. O fornecimento implica em abastecer alguém de substância.
- f) Ter em depósito e guardar - o primeiro verbo pressupõe uma certa quantidade de substância. São basicamente a mesma coisa. Pode ser depósito ou guarda para si ou para terceiros.
- g) Transportar - não importa o tipo de veículo. O transporte é dentro das fronteiras do país.
- h) Trazer consigo - trata-se do porte, seja nas mãos, nos bolsos, em malas, valises, bolsas, etc. Quando for para uso próprio incide Art. 16; a pena é leve. Aqui a ação da Polícia Militar deve ser intensa e constante.
- i) Ministrar - dar ou aplicar substância em alguém. A Ação da Polícia Militar é episódica e rara.
- j) Entregar a consumo - seja por que meio e a que título for. A ação da PM deve ser intensa e constante.
- k) Fabricar, preparar, produzir - são formas de produção da substância. A preparação consiste em misturar ingredientes; a fabricação na aplicação de processo industrial e produção por qualquer meio. A ação da PM é episódica e rara.
- l) Prescrever - atividade privativa de médicos e dentistas. Não cabe ação da PM.
- m) Importar, exportar, remeter - matéria-prima destinada à preparação de substância entorpecente. Não cabe ação da PM.
- n) Semeia, Cultiva e faz colheita - de plantas destinadas à preparação de entorpecentes. O crime pode ser cometido em qualquer lugar, até mesmo em quintais de casas e jardins de apartamentos. Ação da PM é episódica e rara.
- o) Fabricar, adquirir, vender, fornecer, etc. - aparelhos, ins -

trumentos ou qualquer objeto destinado à fabricação, preparação, etc., de substância entorpecente (art. 13). A ação da PM é rara e episódica.

5. A Atuação da Polícia Militar

5.1. Aspecto Geral

Devem obedecer aos seguintes princípios de atuação:

- a) desestimular a compra de tóxicos, policiando os possíveis locais de comércio;
- b) evitar o abastecimento dos locais destinados ao comércio de tóxicos, popularmente conhecido como "boca-de fumo";
- c) divulgar, ^{pela} na imprensa, a prisão de compradores e de traficantes ou vendedores;
- d) conquistar a população local com a presença constante;
- e) evitar confundir o delinquente com pessoa de bem;
- f) ações frequentes nos locais destinados ao comércio de tóxicos, através de incursões repetidas e diárias.

5.2. Em casas e apartamentos

Na área central ou mais nobres são mais frequentes as vendas em apartamentos. O nível econômico e intelectual do "fornecedor e dos compradores complica bastante a ação policial. Restrita e limitada a ação da Polícia Militar, vez que são ações típicas de investigações policiais.

5.3. Venda em Automóveis

Ações ostensivas dificultam as ações sofisticadas dos traficantes e clientes. Ações sigilosas e investigatórias são as principais. A ação da Polícia Militar, no caso deverá ser apoiada nas

informações.

5.4. Rua, Clube, Domicílio, Hotéis, Restaurantes, etc.

A medida que se intensifica a repressão policial, os traficantes usam novas formas de atuação, buscando sempre confundir a ação policial; nas ruas e nas praias a ação ostensiva é mais fácil. Em clubes, restaurantes, boites, etc., a ação policial ostensiva é quase inexpressiva. Aqui, as ações sigilosas e de investigação ganham relevo.

6. Limitações da Polícia Militar

Crimes, assaltos, roubos, assassinatos, extorsões, desagregação familiar, dependência física e mental, conivência policial, lucros. No caminho das drogas, qualquer obstáculo é removido, em doses mínimas ou à força, para ampliar cada vez mais os dependentes dos tóxicos, alimentando fortunas, dando "trabalho" a dezenas de desocupados e criando ilusões que necessitam ser renovadas.

Para combater o descrito acima, situaremos as limitações da Polícia Militar, em dois campos distintos: limitações formais e limitações em material. A primeira decorre das próprias atribuições legais da organização e a segunda, decorre das falhas naturais do pessoal e do equipamento,

6.1. Limitação formal

A Constituição Federal, no seu art. 144, § 1º, inciso II, fala que compete à Polícia Federal o combate ao tráfico de drogas, mas para muitos juizes, tráfico só é considerado, quando uma substância tóxica é remetida de um país para outro. Dentro das limitações formais temos:

a) impedimento de ações investigatórias, nos seguintes crimes: importar e exportar tóxicos, transportar, remeter, oferecer, ter em depósito, fabricar, prescrever, remeter matéria-prima para a preparação de entorpecentes.

b) impedimento de ida ao quartel de detidos, mesmo para

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

ações de triagem e registros.

- c) dificuldades de ações continuadas e organizadas face aos impedimentos anteriores.

6.2. Limitação em Material

- a) deficiência de pessoal face ao desconhecimento específico sobre o assunto;
- b) falta de equipamento portátil de comunicação;
- c) falta de viatura não ostensiva;
- d) dificuldade no procedimento das ocorrências nas Delegacias Policiais;
- e) Conivência Policial - É o primeiro grande óbice. Admiti-la é a primeira condição para seu controle ou extinção. A conivência pode ser com fins lucrativos (corrupção) ou ideológicos (amizade, interesses subalternos, vício e outros);
- f) atitudes liberalizantes de intelectuais, artistas e jornalistas, que apoiados numa ideologia "Liberdade Absoluta" defendem comportamentos anormais, em livros, jornais, músicas e em outras formas de divulgação, fazem apologia dos tóxicos, do lesbianismo e da ^{sadomaso} pederastia;
- g) má vontade, muitas vezes encontradas nas delegacias, quando se trata de "viciados", ou compradores de pequena quantidade, principalmente, quando se trata de elementos pertencentes à melhor camada social;
- h) atitudes paternalistas favoráveis aos viciados, geram procedimentos, muitas vezes, obstando ou ridicularizando a ação policial, sob a alegação de que "só prendem viciados" "o viciado é a vítima da sociedade" ou "um pobre infeliz". É bom lembrar que, o Policial Militar não é juiz nem médico e muito menos reformador social, cabendo-lhe, tão somente, ^{cooperar com} fazer cumprir a lei. A Polícia Militar prende traficantes,

[?]
assemelhado e os usuários;

- i) tendência para enquadrar o acusado como usuário e não traficante;
- j) apoio aos traficantes nos bairros pobres, não se pode inferir se o mesmo é decorrente do ódio que o proletário tem da Polícia ou se por agrados ou amizades aos traficantes; esses procuram atender suas necessidades básicas, que não compreendem os problemas que poderão advir a médio e longo prazo: filhos menores transformados em olheiros de locais de venda, transportadores de tóxicos, viciados e outros instrumentos de traficantes;
- k) sentença de juízes publicadas em jornais criticando a ação policial;
- l) o tratamento dispensado nas delegacias e nas justiça e os transtornos gerados por esse desconforto no moral da tropa na luta contra ~~do~~ tóxico. O réu é absolvido e o processo volta pedindo punição dos soldados, por falso testemunho, isso desestimula ^{ndo} a ação dos Policiais-Militares.

7. Tempo Médio da Ocorrência na Delegacia Policial

O tempo de lavratura do flagrante na Delegacia Policial-DP é razão direta do número de pessoas envolvidas na ocorrência. Por ocasião da apreensão do material, pequena quantidade deste é remetida ao Instituto de Criminalística(IC), a fim de comprovar a existência de substância entorpecente que, se for confirmada, autoriza a lavratura do flagrante(Laudo Provisório). Geralmente, o transporte do material apreendido, da DP e IC é feito pelo próprio Policial-Militar. Isso ocorre na região metropolitana onde as Delegacias Policiais não possuem equipamento especial para a feitura do Laudo Provisório, no interior, há necessidade de se nomear um técnico no assunto. O tempo médio da ocorrência é de 2(duas) a 4 (quatro) horas.

8. O Policial Militar diante da Justiça

O tratamento dispensado ao Policial-Militar, geralmente, é cortês e formal. As perguntas são feitas, inicialmente, pelo Juiz, sobre os detalhes contidos no Auto da Prisão e na Denúncia. Posteriormente, o Promotor de Justiça e, em seguida, o Advogado de Defesa formula novas perguntas através do Juiz, única autoridade a dirigir-se diretamente às testemunhas. Sem dúvida, há variantes no quadro citado acima. Atitudes preconceituosas, que criaram o estereótipo do policial arbitrário e corrupto ^{ensajam, algumas} criam raras vezes, situações constrangedoras para o Policial-Militar. Acreditando em que o flagrante forjado é uma constante na vida ^{do} policial, todos procuram essa via como uma alternativa à inquisição, de Policiais Civis (Delegacias) e Advogados que conhecem todas as artimanhas que envolvem o tóxico. Erros reais ou interpretados como tais, consequentes a omissões e eventuais ou decorrentes da própria situação, cometidos por Policiais-Militares nas detenções ou prisões em flagrantes, por mais insignificantes que sejam, são altamente explorados pelos acusados e seus defensores, alguns policiais civis e até mesmo Magistrados que, em último caso, invocam a dúvida como desculpa para absolvição, que em alguns casos vem seca, simples, ^{ou} em outros, uma advertência ou então ameaça de uma promoção judicial. Deixam veladamente, a insinuação de flagrante forjado, quando as circunstâncias da prisão não são consideradas formais pelos delegados e juizes.

São as seguintes perguntas, entre outras, pertinentes ao processo, dirigidas aos Policiais-Militares:

- O senhor conhecia o réu, em data anterior à sua prisão?
- Como sabia que o local era de consumo de drogas (boca-de-fumo)?
- Em que local estava o tóxico no momento da prisão do réu?
- O réu confirmou que o tóxico era dele?
- Que fez o Policial suspeitar tratar-se de tóxico?
- Havia outros elementos próximos ao local da prisão?
- Por que não foram presos outros elementos?
- Quem deu ordem para invadir a propriedade?
- Por que não arrolou testemunhas civis?
- Estava a droga na mão do preso ou junto dele?
- Por que tantos policiais para prender um só elemento?
- Qual a quantidade aproximada do material apreendido?
- Qual a cor do papel que embrulhava o tóxico?
- Qual o tipo de móveis que existia no interior do barraco que servia para consumo de drogas?
- O senhor sabe que falso testemunho é crime, e o senhor pode ser enquadrado e preso?

IV. PROPOSTA

a- A Necessidade de Treinamento, Instrução e Ensino

A atuação policial mais eficaz resulta em processar pessoas que administram ou, de alguma forma, influenciam na exploração do vício. A índole dos exploradores do vício se faz necessário empregar procedimentos dos que não se usam na investigação de crimes e delitos comuns. A investigação concernente à exploração do vício, geralmente, leva mais do que as de crimes comuns e precisa de material apropriado, pessoal especializado e agentes de infiltração. Os policiais militares encarregados da investigação do vício não devem ser os mesmos que investigam crimes contra pessoas ou patrimônio, pois o pessoal do baixo mundo do vício servem de fontes para aqueles que investigam crimes e outros delitos.

Com o narrado acima, tem-se a seguinte proposta:

1. Necessidade de especialização na luta contra o vício

Uma seção, pelotão ou companhia especializada é eficaz na luta contra o vício, porque fixa a responsabilidade, permite uma seleção de pessoal baseado na habilitação, interesse e integridade e também se tem melhor comando, e treinamento e, também, se cria um espírito de corpo. Uma divisão especializada de luta contra o vício pode buscar contatos e informantes confidenciais e modelar a opinião pública de maneira que forneça uma luta adequada contra o vício. Nas grandes cidades, às vezes, é mais conveniente dividir as especialidades dentro de uma mesma divisão, um grupo se encarrega do jogo, outro

de narcóticos, outras da prostituição, etc.

Deve-se designar Policiais Militares na luta contra o vício de forma permanente e não para um plano de curta duração, se quisermos alcançar a eficácia do serviço. A continuidade no serviço dá ao Policial Militar maior eficiência, porque aumenta a especialidade pessoal, cria mais contatos e se pode dispor de um maior número de investigadores secretos. Um Policial Militar permanente e que tenha interesse na luta contra o vício, é o mais indicado para que se tenha êxito na missão, do que um PM em missão temporária ou que não tenha interesse pela missão. Devido à complexidade na missão contra o vício, o efetivo fica mais sujeito a inquérito, prejudicando a sua promoção, para tanto deve-se encorajar o Policial Militar quanto à sua capacidade, seu potencial e que isto não sirva de inibição ou omissão.

A participação das Rádio-Patrolhas na luta contra o vício permite a redução do efetivo na seção especializada de combate ao vício, aumenta sua eficiência, ganha tempo e descanso e permite a seção a se visualizar, enfocar sua atenção para violações mais importantes, sobre os mais altos magnatas do vício e sobre exploradores bem organizados. Um patrulhamento deve ter como missão de acabar com o vício no seu setor de atuação e servir de informante no que não puder resolver.

2. Parte social no combate ao vício

A Polícia Militar deverá introduzir uma perspectiva social em seu trabalho desenvolvido no combate ao tráfico e consumo de entorpecentes, engajando-o numa filosofia de defesa social, a partir dos anseios da própria comunidade, respeitando a realidade sócio-cultural e embasada cientificamente no sentido de que o usuário ou dependente da droga seja tratado como um doente. A Polícia Militar deverá ^{envidar} ~~compreender~~ esforços para que haja a harmonização das ações de todos os organismos que cuidem, na área jurisdicional, da proteção, socorro e defesa do cidadão e da comunidade.

Agindo dessa maneira, a Corporação estará criando uma imagem favorável perante a opinião pública, demonstrando que o verdadeiro alvo de nossa atitude repressora é o traficante e não o usuário ou dependente.

3. Equipamento

Os equipamentos utilizados pela Polícia Militar no campo da coleta de informes, são obsoletos ou inexistentes. Para se atuar eficientemente no campo da repressão contra o tóxico, tem-se que ter:

- a) viaturas descaracterizadas
- b) equipamentos modernos
- c) armamento adequado
- d) equipamento de camuflagem (disfarces)

4. Necessidade de instrução e ensino

Devido à complexidade do crime do vício, há necessidade de se tomar vários procedimentos, entre os quais, citamos:

a) No âmbito das Unidades Operacionais

- instrução específica da legislação sobre tóxicos;
- seleção do pessoal para ações repressivas;
- supervisão e controle da tropa;
- divulgação através de palestras, conversas e outros meios de trabalho da unidade, a fim de conquistar a confiança e o auxílio da comunidade.
- ~~S~~upervisão das operações.

b) No âmbito da Corporação

- ações administrativas para adequação de equipamentos;
- supervisão das operações a nível de CPA;
- influenciar autoridades para os aspectos da limitação formal.
- criar um grupo, pelotão ou companhia especializada em combate ao tóxico, onde se deva ter um local próprio para o treinamento de ~~P~~oliciais ~~M~~ilitares; nesse grupo, teríamos um Oficial PM Comandante, um Especialista no campo do comportamento humano (sociólogo), Especialistas em abordagem nos seus vários ramos, Especialistas em subs -

tâncias químicas, em armamento, em legislação, etc. A Polícia Militar sempre usou a tática de se colocar numa situação de pronto atendimento, está na hora de se colocar na situação de anteceder os fatos. O sociólogo do grupo é quem vai lhe dizer isto.

No campo da instrução ministraremos o seguinte:

- busca ao traficante
- busca pessoal
- busca em automóveis
- busca em domicílio
- sinais particulares no corpo do viciado
- levantamento de indícios
- como abordar toxicômanos
- agonia após a supressão da droga
- exame médico
- recursos técnicos nas investigações
- período de convalescença.

b) Necessidade de Alteração do Programa de Ensino

Há necessidades de se colocar, nos currículos escolares, uma disciplina específica sobre o combate ao tóxico, onde conteria o seguinte:

1. Aspectos psicossociais: veríamos nessa parte a reação do organismo do usuário diante de vários tipos de tóxicos, também a parte social do atendimento e a campanha, visando orientar a comunidade perante o uso de tóxico, a Polícia Militar vai ao jovem como orientador.
2. Aspectos jurídicos: veríamos todas as legislações sobre o tóxico e discutiríamos sobre a competência no seu combate ao tóxico.
3. Aspectos processuais: nessa parte, veríamos o trâmite legal desde a abordagem do traficante até o julgamento do mesmo, estudando minuciosamente todas as ^{partes} artimanhas ~~dps traficantes~~ e das pessoas que o apanham.
4. Aspecto operacional: aproveitando-se a técnica policial-militar no que se refere à abordagem de pessoas a

pê, abordagem de veículo e de edificações, iríamos mostrar que o elemento, por efeito de drogas, reage violentamente e o estudo da abordagem tem que ser preciso, o armamento específico e o pessoal treinado.

5. Identificação do material; com o auxílio de técnicos, teríamos condições de transmitir ~~o~~ conhecimento para identificar tóxicos, a todos os alunos, em todos os níveis.

C O N C L U S Ã O

Este trabalho não possui a pretensão de esgotar o assunto referente à participação da Polícia Militar no combate ao tráfico e consumo de entorpecentes. Este estudo constitui-se em mais uma contribuição no sentido de colaborar com os esforços já emprẽendi dos pelas Corporações Militares, ~~no sentido de criar~~^{do} ações sistemáticas no combate a este mal do nosso século, responsável por uma série de inconvenientes em relação às regras da sociedade.

Iniciado o trabalho, faz-se mister continuar pensando e repensando a realidade social que gera esse problema, visando a to mada de soluções que, efetivamente, ataquem as causas do problema e não apenas as consequências, retratadas na delinquência juvenil; a cidentes, homicídios e suicídios com evidente conexão entre alguma droga e o jovem que acaba de morrer ou de praticar o ato delituoso.

A Polícia Militar é, reconhecidamente, uma Instituição pres tante, operosa, profissional. No âmbito sócio-político sempre teve destacada atuação e, particularmente, a tem aumentado nos dias de hoje, quando a necessidade básica de segurança vem se constituindo em prioridade da sociedade. Desta forma, o seu sucesso e sobrevivência como Instituição mantedora da ordem só serão assegurados en quanto conseguir manter sua capacidade de resposta aos anseios so ciais, destacando-se entre estes, a efetiva participação no combate às drogas. Apontar o dedo nada resolve, até porque em se tratando de drogas, há muito mais vítimas do que culpados.

Antes de reprimir, o melhor é orientar e educar.

B I B L I O G R A F I A

ANCEL, M.A. A Nova Defesa Social - Um movimento de Política Criminal Humanista. Rio de Janeiro, Forense, 1979.

ANDRADE, Oswaldo Moraes-Dependência (Toxicomania e Novo Código Penal, Rio de Janeiro, 1990.

DALARI, Daldo de Abreu. Constituição e Constituinte. 3.ed., São Paulo Ed. Saraiva, vol. V.

FELIPE, Donaldo J. Tóxicos, Petições, Legislação e Jurisprudência . São Paulo, Ed. Julex.

FERNANDES, Heloisa Rodrigues. Política e Segurança. São Paulo, Ed. Omega, 1973.

HOOBLER, Thomas & Dorothy. Tudo Sobre Drogas - Crime e Violência. 1a ed. São Paulo, Nova Cultural.

KOWARIK, Lúcio. Capitalismo e Marginalidade na América Latina. 2 ed Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1977.

LEI Nº 6.368, de 21 de outubro de 1976, capítulo III.

MANUAL DA POLÍCIA FEDERAL. Identificação da Substância Tóxica e o Usuário, 1983.

MANUAL DO EXÉRCITO. Você tem muito a ver com os Tóxicos. Ministério do Exército, IV Exército, 7a. Região Militar, 1978.

MURAD, José Elias. Drogas o que é Preciso Saber. Ed. Lê, Belo Horizonte, 1990.

PACHECO, J.E. de. Prática, Processo e Jurisprudência, 3a. ed., Ed. Ju ruã.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. A Polícia Militar no Combate ao Tóxico, 1980.

ROCHA, Luiz Carlos. Tóxicos. 2.ed., São Paulo, 1988.

RAMALHO, J. Ricardo. O Mundo do Crime, a ordem pelo avesso. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979, Coleção: Biblioteca de Filosofia de História e Ciências.

SENA, Davis Ribeiro de. As Polícias Militares e sua Distinção Legal. Revista Militar Brasileira, Ed. Centro de Doc. do Exército 1980, vol. 117.

RESUMO DA MONOGRAFIA

O vício, como comportamento humano, é uma conduta habitual, freqüente e repetitiva, comumente contrária aos costumes e aos valores éticos consagrados pelo grupo social.

Todas as camadas sociais são responsáveis no que diz respeito ao combate dos vícios. É a Polícia, sem dúvida, a única instituição que tem como missão combater o vício comercializado. A Polícia não interessará o ponto de vista moral e sim o legal, para a sua atuação.

A principal atenção da Polícia deverá fixar-se no vício comercializado. O público quer que se processem, criminalmente, os "grandes", "os chefões", os grandes "magnatas" do vício. Os exploradores dos vícios não deverão agir ostensivamente, exibindo-se diante do público, porque isso, além de servir-lhes de propaganda, é algo desmoralizante para a Polícia.

O trabalho policial mais eficiente resulta em processar as pessoas que administram ou, de alguma ou outra forma, influem a exploração do vício, do que podem realmente considerar-se como participantes.

O tipo ou as características das atividades viciosas faz com que a investigação criminal utilize procedimentos diversos dos empregados nas investigações de outros crimes.

As investigações concernentes aos vícios não deverão ser feitas pelo mesmo pessoal encarregado da investigação de delitos contra pessoas e propriedades, porque os indivíduos do submundo dos vícios freqüentemente constituem valiosas fontes de informação para aqueles que investigam o vício.

Dos vários crimes previstos na Lei Anti-tóxicos (Lei nº 6.368/76).

Os artigos 12 a 19 da citada Lei são os que tratam das figuras delituosas.

A Lei não pune apenas a conduta de "usar". Ninguém pode ser punido por usar tóxicos, mas pode ser por portar a substância, mesmo que para uso próprio.

Pelo art. 36 da Lei Anti-tóxicos, o delito só será caracterizado, se a substância apreendida com o acusado estiver relacionada pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia, ou

por lei, como capaz de determinar dependência física ou psíquica.

Quando o inquérito se iniciar por auto de prisão em flagrante delito, o processo é remetido ao juiz, no prazo máximo de 5 (cinco) dias.

Quando o processo não se inicia com prisão em flagrante, o prazo é de 30 (trinta) dias.

De acordo com o artigo 347, da citada lei, cabe à autoridade policial justificar, ^{em} um despacho fundamental, as razões que a levaram ^{para} a classificação legal do fato.

De acordo com o artigo 26, é obrigatório a manutenção de sigilo, ressalvados os casos especiais.

O relacionamento do dependente com o traficante é comercial. É, na maioria das vezes, amistoso.

A constância da clientela não facilita o trabalho de investigação, ^{mas} isso dificulta o trabalho de infiltração policial.

Quanto à fraude, ~~pe~~ mais comum na cocaína, que pode ser misturada com "melhoral em pó, maisena, talco, bicabornato de sódio, etc."

O comércio de tóxicos busca todas as formas possíveis de intercâmbio entre o fornecedor e o comprador. A segurança contra o flagrante é bem cuidada, exigindo da polícia um esforço contínuo e concentrado.

A Polícia Militar se situa em duas limitações: limitação formal e limitação material. A primeira decorre das próprias atribuições legais da organização e a segunda, ~~decorre~~ das falhas naturais do pessoal e do equipamento.

A Constituição Federal, no seu art. 144, § 1º, inciso II, fala que, compete à Polícia Federal o combate ao tráfico de drogas, mas, para muitos juízes, tráfico só é caracterizado quando uma substância tóxica é remetida de um país para outro.

A atuação policial mais eficaz resulta em processar ^{pes}soas que administram ou, de alguma forma, influenciam na exploração do vício. OS Policiais Militares encarregados de investigação ~~de~~ vício não devem ser os mesmos que investigam crimes contra pessoas ou patrimônio, pois, o pessoal do baixo mundo do vício serve de fontes para aqueles que investigam crimes e outros delitos.

A Polícia Militar deve introduzir uma perspectiva social em seu trabalho desenvolvido no combate ao tráfico e consumo de entorpecentes, engajando-se numa filosofia de defesa social, a partir dos

anseios da própria comunidade, respeitando a realidade sócio-cultural e embasada, cientificamente, no sentido de que o usuário ou dependente da droga seja tratado como um doente. A Polícia Militar de verá empreender esforços para que haja a harmonização das ações de todos os organismos que cuidam na área jurisdicional da proteção, socorro e defesa do cidadão e da comunidade.